



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Alice da Rocha Perini

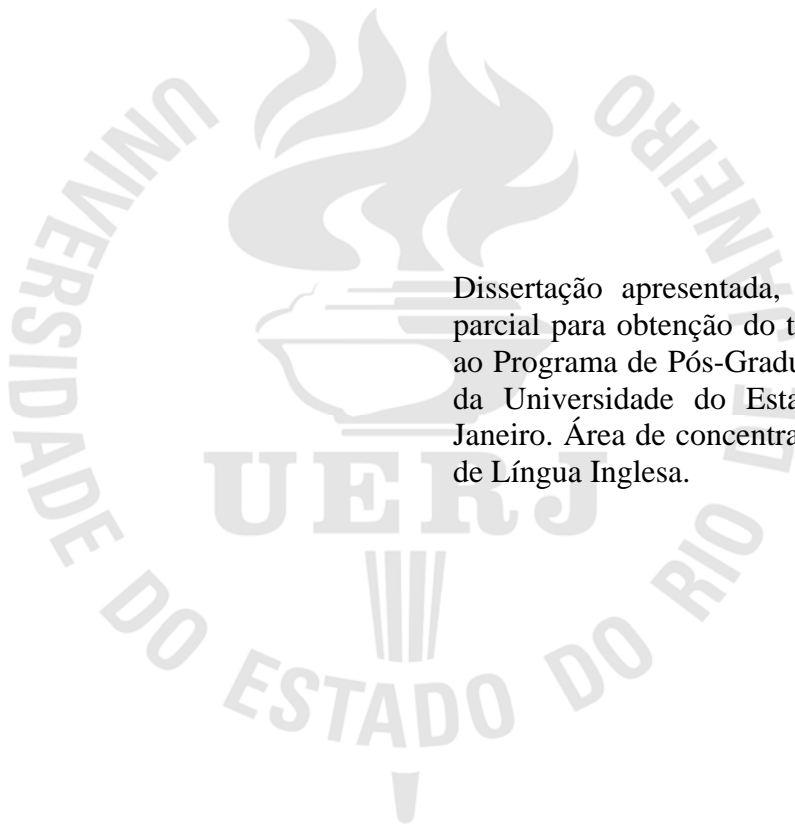
**Razão ou sensibilidade? A educação que orientou a composição de  
personagens femininas em obras de Jane Austen.**

Rio de Janeiro

2014

Alice da Rocha Perini

**Razão ou sensibilidade? A educação que orientou a composição de personagens femininas em obras de Jane Austen.**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literaturas de Língua Inglesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lucia de Souza Henriques.

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

A933 Perini, Alice da Rocha.  
Razão ou sensibilidade? A educação que orientou a  
composição de personagens femininas em obras de Jane  
Austen / Alice da Rocha Perini. – 2014.  
73 f.: il.

Orientadora: Ana Lucia de Souza Henriques.  
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Austen, Jane, 1775-1817 - Crítica e interpretação –  
Teses. 2. Literatura inglesa – História e crítica – Teses. 3.  
Mulheres – Educação – Inglaterra – Séc. XVIII – Teses. 4.  
Mulheres – Educação – Inglaterra – Séc. XIX – Teses. 5.  
Austen, Jane, 1775-1817 – Personagens – Mulheres – Teses. 6.  
Austen, Jane, 1775-1817. Razão e sensibilidade – Teses. 7.  
Austen, Jane, 1775-1817. Orgulho e preconceito – Teses. I.  
Henriques, Ana Lúcia de Souza. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 820-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação desde que citada a fonte

---

Assinatura

---

Data

Alice da Rocha Perini

**Razão ou sensibilidade? A educação que orientou a composição de personagens femininas em obras de Jane Austen.**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literaturas de Língua Inglesa.

Aprovada em 31 de março de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lucia de Souza Henriques (Orientadora)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lucia Rodriguez de La Rocque  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. Anderson Soares Gomes  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2014

Dedico este trabalho à minha mãe, Izabel Cristina, por tornar realidade todos os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de pesquisa fundamental para realização deste trabalho.

À Ana Lucia Henriques, que muito mais que me ensinar e me orientar de maneira excepcional, me apoiou em todos os momentos, muito além do universo da pesquisa.

À Cristiane Cardaretti, pelo amor e cuidado sempre presentes.

Aos amigos Juliana Salles, Lana Araújo, Ana Luiza Sardenberg, Thiago Sardenberg, Diego Ferreira, Davi Pinho, Adriana Jordão, Patrícia Raiz, Priscilla Figueiredo, Vansan Gonçalves, Pedro Vieira, Simone Resende, Tainá Lopes e Gabriel Amorim por, desde o primeiro momento, terem me dado a força necessária para seguir no caminho do sucesso.

À Gabriela Alves, pela acolhida e morada e pelo amor que ultrapassa muito os limites das quatro paredes de uma casa.

A Rafael Adorján, por me encorajar a ir cada vez mais longe.

À Mariana Leite, por ter chegado no finalzinho, mas fazendo toda a diferença.

À irmã, Violeta Perini por, além de tudo, nunca deixar de repetir a frase: “você não está longe da sua família”.

À Mariana Cassaro, por, ainda que fisicamente distante, jamais deixar de ser uma das minhas razões de viver e me compreender desde a alma.

A Belmiro Perini Jr., meu pai, obrigada pelo amor ideal: companheiro, sem medidas, cobranças nem barreiras.

À Isabel Muniz e Beatriz Perini, madrastra e irmã, pela verdadeira amizade e torcida.

Às irmãs David: Priscila, Monique e Cristini, pela amizade, carinho e confiança em mim e em meu trabalho desde o primeiro dia.

A Charles e Camilla por me mostrarem diariamente o que é o amor verdadeiro e incondicional. Vocês são a minha religião.

À Profa. Dra. Lucia Rodriguez De La Rocque, minha primeira professora na UERJ, não só por me presentear com o orgulho de tê-la em minha banca examinadora, mas também por toda a inspiração como profissional e como pessoa.

Ao Prof. Dr. Anderson Gomes, a quem tive o grande prazer de conhecer recentemente e que desde o primeiro momento conquistou minha admiração e respeito, marcando presença importante na escrita deste trabalho e como membro de minha banca examinadora.

He who has never hoped can never despair  
*George Bernard Shaw*

## RESUMO

PERINI, Alice da Rocha. *Razão ou sensibilidade?* A educação que orientou a composição de personagens femininas em obras de Jane Austen. 2014. 73 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

A presente dissertação tem como objetivo analisar de que forma a educação oferecida a mulheres do final do século XVIII e início do século XIX pode ter contribuído para a composição de personagens femininas nos romances *Razão e sensibilidade* (1811) e *Orgulho e preconceito* (1813), da escritora britânica Jane Austen (1775 – 1817). O presente trabalho apresenta o pensamento de importantes nomes da literatura, da crítica e teoria literárias, como também da história, como suporte no mapeamento não apenas do que era discutido a respeito do momento e do lugar em que Jane Austen e os romances aqui em tela se inserem, mas principalmente acerca da educação feminina.

Palavras-chave: Mulher. Educação. Inglaterra. Comportamento. História. Cultura. Sociedade.



## ABSTRACT

PERINI, Alice da Rocha. *Sense or sensibility?* The education that oriented the composition of feminine characters in Jane Austen's works. 2014. 73 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

The present work aims to analyze the ways by which, the education offered to women by the end of the 18th and beginning of the 19th century, might have contributed to the composition of female characters in the novels *Sense and Sensibility* (1811) and *Pride and Prejudice* (1813), by the British author Jane Austen (1775 – 1817). The present work presents the thoughts of important names in the fields of literature, literary criticism and theory and also history, as a support in mapping out, not only what was discussed about the moment and place in which Jane Austen and the novels analyzed here are set, but mainly about female education.

Keywords: Women. Education. England. Behaviour. History. Culture. Society.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>A ESCRITORA, SEU LUGAR E SEU TEMPO</b> .....	13
1.1	<b>Jane Austen</b> .....	13
1.2	<b>O Cenário Sócio-Histórico-Cultural</b> .....	22
1.2.1	<u>Neoclacissismo X Romantismo</u> .....	31
2	<b>MULHERES E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX</b> .....	36
2.1	<b>Pensadores e filósofos que discutiram a questão em Tela</b> .....	36
2.2	<b>Vivência e visão de Jane Austen sobre a questão em Tela</b> .....	43
3	<b>O EMBATE ENTRE A RAZÃO E AS PAIXÕES</b> .....	49
3.1	<i>Razão e Sensibilidade</i> .....	49
3.2	<i>Orgulho e Preconceito</i> .....	55
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	62
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	64
	<b>ANEXO A</b> - Retrato de Jane Austen .....	66
	<b>ANEXO B</b> - Contra-capa da primeira edição de <i>Razão e sensibilidade</i> . Publicado em 1811 .....	67
	<b>ANEXO C</b> - Contra-capa da primeira edição de <i>Orgulho e preconceito</i> . Publicado em 1813 .....	68
	<b>ANEXO D</b> - Anúncio de internato para moças do século XIX .....	69
	<b>ANEXO E</b> - Casa onde Jane Austen nasceu e cresceu, em Steventon. atualmente aberta à visitação pública .....	70
	<b>ANEXO F</b> - Mapa do condado de Hampshire. A localidade de Steventon se encontra próxima à cidade de Basinstoke .....	71
	<b>ANEXO G</b> - Mapa da região de Devonshire, onde está localizada Barton Cottage, residência das irmãs Elinor e Marianne Dashwood em <i>Razão e sensibilidade</i> .....	72

**ANEXO H** - Mapa da região de Hertfordshire, onde está localizada

Longbourn House, residência da família Bennet em *Orgulho e preconceito* ..... 73

## INTRODUÇÃO

O objetivo dessa dissertação de mestrado é mostrar de que forma personagens femininas nos romances *Razão e sensibilidade* (1811) e *Orgulho e preconceito* (1813), da escritora inglesa Jane Austen (1775 – 1817) podem apresentar um reflexo do modelo de educação oferecido às mulheres nos séculos XVIII e XIX, isto é, o modelo de educação recebido pela própria romancista e que acreditamos ter influenciado a composição de suas personagens.

O conceito de educação formal ao qual as filhas das classes média e alta na Inglaterra da época em questão tinham acesso se mostrava por muitas vezes controverso. Nomes importantes como o do escritor e jornalista inglês Daniel Defoe (1660 – 1731), por exemplo, saíram em defesa do direito da mulher à educação e da criação de instituições de ensino especificamente destinadas a isso, uma vez que o pouco do que se falava acerca de educação formal era única e exclusivamente restrito ao ambiente doméstico.

A maior parte dos ensinamentos destinados à mulher tinha, entretanto, o propósito de melhor prepará-la para a vida em sociedade. O que se pensava era que, o domínio de determinadas habilidades e o comportamento de acordo com que se ditava como padrão, “aperfeiçoariam” a mulher e funcionariam como importantes facilitadores na busca por um marido em potencial.

A seguir poderemos observar como esta investigação é feita, capítulo por capítulo, desde a vida da escritora e suas origens, lançando nosso olhar para a Inglaterra e o momento histórico em que a autora e suas obras se inserem e, finalmente, a análise dos romances selecionados para ilustrar esta pesquisa.

O capítulo 1, intitulado “A escritora, seu lugar e seu tempo” tem como objetivo apresentar ao leitor aspectos da vida de Jane Austen e da Inglaterra de sua época, além de um panorama dos movimentos históricos cujas características observamos na leitura dos romances. Subdivide-se em três seções:

A primeira das subdivisões do capítulo 1, “Jane Austen”, nos leva até a pequena localidade de Steventon, região sul da Inglaterra. A partir do nascimento da escritora, descrevemos a importância do ambiente doméstico e da vida em sociedade de uma tradicional família de classe média habitante da zona rural inglesa no final do século XVIII e início do XIX. Apresentamos aqui, o conceito de educação formal e de escola da época e suas marcas na própria Jane Austen e sua família.

Ressaltamos a relevância destes fatores nas obras de Austen, uma vez que esta sociedade em que viveu e os modelos de comportamento vigentes são o pano de fundo de toda sua obra.

Em sua segunda parte, “O cenário sócio-histórico-cultural” tomamos como base, principalmente, obras do historiador inglês George Macaulay Trevelyan (1876 – 1962). Visitamos a Inglaterra em que viveu Jane Austen, focalizando o momento histórico pelo qual o país passava. Buscamos destacar os lados político e cultural relevantes para a construção da sociedade sobre a qual falamos, para mais adiante, analisando os romances selecionados, mostrarmos de que maneira esta sociedade se apresentava.

Na terceira parte do capítulo 1, “Neoclassicismo x Romantismo”, nos debruçamos sobre as visões do crítico literário germano-brasileiro, Anatol Rosenfeld (1912 – 1973) acerca do conceito dos movimentos culturais que dão nome a este subcapítulo e mostrar o reflexo das características destes movimentos em aspectos do comportamento de personagens femininas em obras de Jane Austen.

O segundo capítulo, “Mulheres e educação no século XIX” subdivide-se em duas partes nas quais tratamos do seguinte:

Na primeira parte, “Pensadores e filósofos que discutiram a questão em tela”, tomamos como base, estudos sobre a educação voltada para o público feminino no século XIX. Analisamos as opiniões de importantes nomes da literatura e da crítica literária que discutiram a questão e defenderam diferentes preceitos acerca do tema.

A segunda parte do capítulo 2 é intitulada “Vivência e visão de Jane Austen sobre a questão em tela”. Neste momento objetivamos mostrar a questão sob as lentes da escritora. Consideramos essencial esta visão do assunto por, como mencionaremos ao longo do trabalho, Austen ambientar suas histórias em um universo que lhe era extremamente familiar. Procuramos, portanto, delinear este universo mostrando qual era o comportamento esperado de moças de classe média rural inglesa, o que era de fato considerado relevante no que tangia à instrução dessas moças e como isso se distingue na composição das personagens de Jane Austen e sua vida em sociedade.

O terceiro capítulo, “O embate entre a razão e as paixões”, parte para a análise dos romances selecionados para pesquisa, *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*. O objetivo, ao contarmos a história que se passa em cada um, é ilustrar o que discutimos nos capítulos anteriores, mostrando reflexos dos fatores social, histórico e cultural no comportamento de personagens femininas centrais de cada obra. O capítulo 3 subdivide-se em duas partes.

Na análise do primeiro romance de Jane Austen, *Razão e sensibilidade*, publicado em 1811, apresentamos a família Dashwood, focalizando principalmente as duas irmãs mais velhas, protagonistas do romance, Elinor e Marianne. O objetivo desta análise é mostrar o quão impactante é o choque entre racional e passional no caso, não só do comportamento, mas também do temperamento das duas. Elinor, a mais velha, traz a voz da razão e é exemplo de comportamento contido e atitude moderada. Já a mais nova, Marianne, se mostra o oposto disso, revelando seus sentimentos com pouca ou nenhuma prudência e cedendo aos arroubos de uma personalidade apaixonada sem se importar com as consequências de sua conduta perante a sociedade em que vivem.

Em *Orgulho e preconceito*, os Bennets formam uma tradicional família de classe média da zona rural inglesa. São cinco as filhas do casal e todas solteiras, o que desde início dá o tom da “busca pelo marido ideal” que o romance nos traz. O segundo romance de Jane Austen foi publicado dois anos após o primeiro e sua protagonista, Elizabeth Bennet, demonstra um comportamento que transita por entre aspectos tanto racionais quanto passionais. Elizabeth desafia alguns dos paradigmas estabelecidos da época ao preferir permanecer solteira a aceitar um casamento sem amor, por exemplo, porém, não se deixa levar cegamente por seus sentimentos apesar da força e independência de sua personalidade considerada ousada na medida certa por não fugir bruscamente às normas de conduta esperadas de uma moça como ela.

Uma vez apresentadas as questões referentes à Jane Austen, sua vida e obra e o que era discutido acerca da educação oferecida à mulher na época em que se inserem a escritora e seus romances, pretendemos analisar as maneiras através das quais este modelo de educação influenciou a composição de personagens femininas nos dois romances apresentados acima e como ele pode ter contribuído para moldar comportamentos de acordo com que era e o que não era esperado de moças, assim como Jane Austen, pertencentes a famílias de classe média rural inglesa.

## 1 A ESCRITORA, SEU LUGAR E SEU TEMPO

### 1.1 Jane Austen

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, em Steventon, condado de Hampshire, sul da Inglaterra<sup>1</sup>. Era a segunda filha mulher, e sétima ao todo dos oito filhos do casal George e Cassandra Austen. Sua chegada foi comemorada por todos, principalmente pela irmã Cassandra, de três anos de idade, que desde então veria na pequena Jane sua companheira inseparável.

O inverno daquele ano estava sendo particularmente rigoroso e, apenas alguns dias após o nascimento da pequena Jane, todo o sul da Inglaterra fora atingido por uma nevasca que bloqueou as estradas e acessos à região, tornando impossível o deslocamento de viajantes. A temperatura atingia níveis tão baixos que apenas em meados do ano de 1776 é que Jane sairia de casa pela primeira vez, sendo levada diretamente à igreja de Steventon para que fosse batizada.

Até o nascimento de Jane, sua irmã Cassandra era a única filha do casal Austen, dividindo a casa com quatro irmãos. Durante o longo período em que a neve caía incessantemente, os meninos se divertiam brincando no quintal gelado enquanto Cassandra, de apenas três anos, passava os dias ao lado do berço de Jane ajudando a mãe a manter o bebê sempre aquecido e confortável.

O pai de Jane, George Austen (1731 – 1805), era o responsável pela paróquia de Steventon, cargo que ocupou desde os trinta anos até o fim de sua vida. Assim que foi ordenado pela igreja anglicana, escolheu como sua futura esposa a jovem Cassandra Leigh (1739 – 1827), a filha caçula de um também pastor da região de Oxford. Os Leighs constituíam uma conhecida família de proprietários de terra, que, gozavam de melhores condições sociais que os Austens. O jovem casal uniu-se em matrimônio em 26 de abril de 1764, em Bath, cidade onde vivia a noiva. Em seguida mudaram-se diretamente para Hampshire.

O casal passou os primeiros anos de sua vida no vilarejo de Deane, localidade vizinha à cidade natal de Jane, Steventon. No ano de 1764, a paróquia de Steventon não possuía condições de receber o pastor e sua nova esposa e necessitava de reformas e reparos que só seriam terminados quatro anos mais tarde, portanto, foi em Deane que nasceram os

---

<sup>1</sup> Ver anexo G

primeiros três filhos do casal Austen: James (1765), George (1766) e Edward (1767). Já em Steventon a partir do verão de 1768, nascem as outras cinco crianças: Henry (1761), Cassandra (1773), Francis (1774), Jane (1775) e o caçula Charles (1779). A vida de Jane sempre foi muito ligada à dos irmãos e é possível afirmar que a família esteve presente em todos os seus momentos, fazendo parte e influenciando diretamente na criação de suas histórias e personagens.

A casa paroquial de Steventon era simples, porém confortável e a família vivia em ambiente harmônico sem maiores sobressaltos<sup>2</sup>. A situação financeira, porém, estava longe de ser a ideal. Em 1773, o reverendo Austen novamente assumiu o comando da paróquia de Deane, desta vez, acumulando as posições de pároco das duas cidades: Deane e Steventon. A gestão de ambas as reitorias aumentou a renda familiar. No entanto, responsável pelo sustento de esposa e cinco filhos, o dinheiro ainda não se fazia suficiente, e é quando o senhor Austen decide aproveitar-se do espaço físico com o qual contava e da educação recebida na Tonbridge School e no St. John's College, em Oxford, para instituir em sua própria casa um internato dedicado à instrução e preparação de meninos para os exames de ingresso nas principais universidades do sul do país. A criação da escola do pai foi o que possibilitou que Jane e a irmã Cassandra tivessem a oportunidade de receber também uma educação formal, ingressando em colégios internos específicos para meninas.

Internatos para meninas eram muito comuns no final do século XVIII, pois dirigir uma instituição para a educação das moças de família da época era uma das únicas maneiras através das quais senhoras que não contavam com o suporte financeiro conseguido através do casamento, seriam capazes de prover o próprio sustento com dignidade<sup>3</sup>. Ainda muito jovem, com apenas sete anos de idade, Jane é enviada, junto com a irmã Cassandra, para estudar em um internato para meninas: a escola da Sra. Cawley. Dois anos mais tarde, em 1785, as meninas, junto da prima, Jane Cooper, seriam transferidas para a escola da Sra. La Tournelle, outro prestigiado internato da região. A ida de Jane para a escola ainda tão jovem, muito provavelmente, se deveu ao fato de Cassandra, então com dez anos, ter de ficar longe de casa para estudar. Como já mencionado, as duas irmãs foram companheiras inseparáveis desde o nascimento até a morte de Jane nos braços da irmã mais velha. Segundo Claire Tomalin (1998, p. 35), a mãe de Jane costumava afirmar que “se Cassandra tivesse a cabeça cortada, Jane não hesitaria em seguir o mesmo destino”.

---

<sup>2</sup> Ver anexo E

<sup>3</sup> Ver anexo D



O acesso à educação formal e a paixão pelos livros de história e os romances proporcionavam à Jane certa visão de mundo, uma vez que a autora jamais viajou além dos limites do sul de seu país, tendo ido, no máximo, até Londres. Duas figuras da família foram também responsáveis por estabelecer uma conexão entre os Austens (Jane e os irmãos) e o mundo exterior. São elas: a tia, Philadelphia Hancock, irmã mais velha de seu pai, e sua filha, Elizabeth, mais conhecida como Eliza. Assim como o senhor Austen, após a morte de seus pais, Philadelphia não contava com nenhuma soma em dinheiro e, em 1752, decidira partir para a Índia em busca de um marido. É importante ressaltar que, naquela época, muitos rapazes ingleses encontravam na chamada Companhia das Índias Orientais uma boa opção de trabalho, ingressando como oficiais da marinha britânica. Seis meses após sua chegada, Philadelphia estava casada com o cirurgião Tysoe Hancock. Em 1761, nascia Eliza, a única filha do casal e quatro anos depois, a família retornaria à Inglaterra com planos de investir o dinheiro ganho no oriente e viver dos juros provenientes desta pequena fortuna. Após a morte do pai, um mês antes do nascimento de Jane, a jovem Eliza já recebia lições de dança, música e francês, e tinha acesso a tudo de mais refinado que uma moça de sua idade poderia almejar. No outono de 1779, Philadelphia decide levar a filha para a França, onde, sob um custo de vida mais baixo, elas poderiam viver em meio à mais alta sociedade. Não demorou até que Eliza conhecesse um jovem oficial do exército francês e com ele se casasse em 1781, dando à luz ao primeiro e único filho do casal cinco anos depois. Philadelphia e Eliza eram muito próximas dos Austens. Durante todo o tempo em que estivera na França, por exemplo, Eliza jamais deixou de se corresponder com as primas Jane e Cassandra e com o tio George. Uma vez de volta à Inglaterra, eram visitantes frequentes na casa da família, que se reunia para ouvir as histórias da corte francesa e dos bailes no Palácio de Versalhes.

Os irmãos de Jane atingiram relativo sucesso em suas carreiras. O mais velho, James, era considerado o mais aplicado nos estudos, tanto que conseguira, aos quatorze anos de idade, ser aprovado na St. John's College, em Oxford, a mesma instituição em que seu pai estudara, como afirmado anteriormente. Impossibilitado de levar uma vida normal, seu irmão George, que sofria de problemas neurológicos e era vítima de frequentes convulsões e crises nervosas, fora entregue aos cuidados de uma instituição especializada. O terceiro irmão mais velho, Edward, considerado o mais prático dos meninos Austen, foi adotado por um primo do senhor Austen, chamado Thomas Knight de Godmersham, homem de grande fortuna. Visto que a senhora Knight não poderia ter filhos, decidiu-se então que Edward seria adotado como herdeiro do casal. A adoção deu a Edward a oportunidade de, ainda que não tivesse ido à universidade como James, estudar em diferentes países e excursionar pelas mais importantes

idades da Europa. O quarto irmão mais velho de Jane, Henry, era o mais impetuoso e, tendo sido instruído por seu pai, seguiu os passos de James, ingressando em St. John's, porém, ao invés de entrar para a igreja como se esperava, alistou-se à milícia de Oxford, casando-se com a prima Eliza, dez anos mais velha, em 1805. Francis, o quinto irmão mais velho, e o caçula da família, Charles, alistaram-se na Real Marinha Britânica como marinheiros.

Jane compartilhava o gosto pela escrita e pela leitura com todos os irmãos. James e Henry foram autores de prólogos e epílogos para pequenas peças teatrais que costumavam encenar em família e todos tinham o forte hábito de se comunicar através de cartas. Infelizmente, a maior parte desta correspondência foi destruída pela própria família ao longo do tempo, principalmente após a morte de Jane.

Logo após o retorno de Jane e Cassandra do internato da senhora La Tournelle, com apenas onze anos de idade, Jane dá início a seus escritos, que consistiam principalmente em pequenos contos e textos, em sua maioria de temática cômica e dedicados a membros da própria família, que era o principal público de Jane visto que ela própria não almejava ser uma escritora profissional e ter seus escritos publicados. Dando continuidade aos contos e textos, por volta de 1793, Jane faz sua primeira tentativa de escrita de um romance. A história, contada através de cartas, faz alusão a vários dos assuntos mais tarde tão conhecidos do grande público de Austen como o casamento, flertes e rumores maldosos em meio à sociedade rural. Jamais foi publicado em vida, porém hoje é conhecido pelo título de *Lady Susan*, nome da vilã e protagonista do romance.

Nos anos seguintes, foram escritas as primeiras versões do que hoje conhecemos como suas mais célebres obras: *Razão e sensibilidade*, então chamado de *Elinor e Marianne*, e *Orgulho e preconceito*, inicialmente intitulado *First Impressions (Primeiras impressões)*. O senhor Austen foi o primeiro e principal incentivador da filha e foi quem fez os contatos iniciais oferecendo os manuscritos aos editores londrinos. Apesar do enorme sucesso de Jane como escritora, houve decepções no início. Seu primeiro romance foi, na verdade, o último a ser publicado. Em 1803, encorajada pelo irmão, Henry, que se tornaria mais tarde também seu agente literário, Jane vendeu o manuscrito de *A Abadia de Northanger*, escrito em 1798 a uma editora de Londres, que anunciou o lançamento da obra, mas nunca chegou a publicá-lo, engavetando o projeto. A única maneira de recuperá-lo foi comprando-o de volta pelo dobro do preço pago anteriormente. Nesta mesma época, entusiasmada com a possibilidade de se tornar uma escritora publicada, Jane começa a escrever um novo romance, conhecido como *Os Watsons*. Após a decepção de ser enganada pelos editores, no entanto, abandona a história ainda nos primeiros capítulos, nunca chegando a finalizá-la.

Sabemos que uma das fontes dos cenários descritos por Jane eram os lugares em que viveu, e um dos mais conhecidos locais presentes na obra de Jane é a cidade de Bath. Situada no condado de Somerset, região sudeste da Inglaterra, Bath era na época o destino de maior prestígio durante as temporadas de inverno, principalmente das famílias do campo, uma vez que o acesso a Londres não era tão fácil. Com os Austens não era diferente, e, em 1801, o reverendo George Austen toma a decisão de se aposentar, passando a reitoria de Steventon para as mãos do filho mais velho, James. A família então se muda para Bath. Através de uma das cartas de Cassandra, sabemos que, ao receber a notícia da mudança de Steventon para Bath, Jane, então com vinte e cinco anos, desmaiou. Durante toda a permanência em Bath, Jane jamais se acostumou à nova cidade, principalmente devido à necessidade de ser ou parecer elegante perante a sociedade. A rejeição de Jane a Bath fez com que ela não conseguisse dar prosseguimento a suas obras, o que só viria a acontecer após a mudança da família para Southampton três anos mais tarde. De acordo com Deidre LeFaye:

Os anos em Bath foram tumultuados mas não exatamente felizes para Jane; suas cartas mostram que ela já não dançava nos salões de baile e sim, se ocupava constantemente de monótonas partidas de cartas e chás entre senhoras de famílias refinadas (LEFAYE, 2002, p.28)<sup>4</sup>.

The Bath years were busy but not particularly happy for Jane; her letters show the she was no longer dancing in the Assembly Rooms, but constantly occupied with the duller social round of little card parties and tea-drinking visits amongst other genteel widow and spinster families (LEFAYE, 2002, p.28).

Bath não oferecia uma boa gama de pretendentes para Jane e Cassandra, e ambas permaneceram solteiras durante toda a vida. Um importante fato a ser ressaltado é que, durante o inverno de 1802, durante uma visita das duas irmãs ao irmão James em Steventon, Jane recebeu uma proposta de casamento do jovem Harris Bigg-Wither, irmão de uma de suas amigas e herdeiro de terras na região de Basinstoke. Ela disse sim, porém na manhã seguinte retirou sua palavra sob a justificativa que ainda que o futuro noivo pudesse lhe oferecer excelentes condições de vida, isto não superaria o fato de que um casamento sem amor só poderia acarretar mais desvantagens do que benefícios. É impossível não perceber, diante deste episódio, o quanto Jane estava realmente à frente das mulheres de seu tempo. A recusa do pedido de casamento de um pretendente de boas posses, capaz de prover o sustento e o

---

<sup>4</sup> Todas as traduções são da autora exceto as indicadas diferentemente.

conforto da família, exclusivamente por esta união não se dar por amor, era uma atitude corajosa, praticamente impensável para uma moça da época, especialmente como Jane, ainda solteira aos vinte e seis anos, cuja família contava com escassos recursos financeiros.

Mesmo que não inteiramente satisfeita com a vida em Bath, a região proporcionava à família diversos passeios às cidades e vilarejos vizinhos, passeios estes muito apreciados por Jane. Podemos destacar como a cidade de Lyme Regis, situada na costa oeste do condado de Dorset, como uma de suas favoritas e provável fonte do fascínio que a escritora nutria pelo mar. Lyme causara tão forte impressão em Jane que, ainda que tendo estado na cidade apenas uma vez, no ano de 1804, esta se tornaria o cenário de seu último romance, *Persuasão*.

Ainda em Bath, em 1805, apenas dois dias após um mal súbito, o senhor Austen falece aos setenta anos, deixando a esposa e as duas filhas sem condições de manter as despesas da casa alugada e os demais gastos da família. É nesta ocasião que acontece a mais importante mudança da vida de Jane. Pouco tempo depois da morte do pai, a esposa de Edward, o irmão de Jane que fora adotado, morre vítima de complicações no parto deixando nada menos que onze filhos aos cuidados do pai. É certo que os Knights eram uma família abastada que contava com ajuda de todos os tipos, mas diante da também difícil situação da mãe e das irmãs, Edward cede a casa de hóspedes de sua suntuosa propriedade, Chawton, na localidade de Southampton, onde viveram até o ano de 1816, quando a saúde de Jane se torna cada vez mais frágil obrigando-as a se mudar para Winchester em buscar de melhor assistência médica.

O lar das mulheres Austen em Chawton era um lugar feliz. Apesar de muito abalada com a perda do pai, Jane estava aliviada em deixar Bath e uma vez propriamente instaladas em Chawton, Jane retomou seus escritos. Junto da irmã e da mãe, tornou-se também profundamente envolvida nas tarefas domésticas e inteirada de todo e qualquer assunto referente à administração da casa. Este envolvimento pode ser uma explicação para a atenção voltada em seus romances para os detalhes e minúcias que diziam respeito ao cotidiano de uma família que convivia com crianças, criados, compras a serem feitas e demais tarefas domésticas diárias.

Foi também em Chawton que Jane passou a desempenhar um dos principais papéis de sua vida: o de tia. O relacionamento com os filhos de seus irmãos era bem próximo e ia desde a simples observação de seu comportamento, aos cuidados com as crianças e, mais tarde, à orientação da sobrinha Anna, com quem se correspondia frequentemente, e cuja aspiração era tornar-se escritora como a tia. Foi da tia, Jane, que Anna recebeu o tão íntimo conselho de ater sua escrita àquilo que realmente conhecia, evitando deste modo, o risco de

que suas ideias fossem recebidas com falta de credibilidade. Como podemos ler na carta de Jane para a sobrinha, publicada por Roy e Leslie Adkins:

É melhor que você não se afaste da Inglaterra. Deixe que os Portmans vão à Irlanda; mas vc, como nada sabe dos costumes por lá, não os deve seguir. Estará sob o risco de falsa representação. Atenha-se a Bath e aos Foresters. Lá, você estará em casa (AUSTEN apud ADKINS, 2013, p. 21).

You had better not leave England. Let the Portmans go to Ireland; but as you know nothing of the manners there, you had better not go with them. You will be in danger of giving false representations. Stick to Bath and the Foresters. There you will be quite at home (AUSTEN apud ADKINS, 2013, p. 21).

As cartas à sobrinha mostram ainda o quão consciente era a decisão de Jane de manter sua lista de personagens restrita a um número bem pequeno de pessoas: *“Você agora está agradavelmente selecionando suas pessoas, colocá-las em seus devidos lugares é uma satisfação em minha vida. Três ou quatro famílias em um vilarejo no campo são precisamente no que se deve trabalhar”* - *“You are now collecting your people delightfully, getting them exactly into such a spot as is the delight of my life; 3 or 4 families in a country village is the very thing to work on”* (AUSTEN apud LEFAYE, 2002, p.151).

Como podemos observar, é de fundamental importância o papel da correspondência com os familiares durante todos os períodos de vida de Jane Austen. Infelizmente, como dito anteriormente, a maior parte das cartas de Jane fora destruída pela irmã, Cassandra, após a sua morte, por acreditar que o conteúdo das mesmas era de natureza demasiado íntima e que detalhes tão particulares referentes à sua vida pessoal e o relacionamento com a família não deviam ser de conhecimento do público. Apesar da perda das cartas, muito se conhece de sua vida e do relacionamento em família por meio dos escritos de seus sobrinhos e sobrinhos netos. Um bom exemplo são as biografias e cartas publicadas por William, Mary Augusta e Richard Arthur Austen-Leigh.

Como já afirmado, Jane e a família eram muito ligados. Ainda que a maior parte de sua correspondência tenha sido com a irmã Cassandra e estas cartas tenham se perdido, todos na família se correspondiam com frequência. Além disso, havia a memória dos momentos passados junto da tia, da casa e da família. Como podemos ver na passagem da biografia de Jane Austen, escrita pelo sobrinho William Austen Leigh e seu filho Richard Arthur:

Lembro-me do tapete de aparência simples no assoalho cor de chocolate, o armário pintado, com prateleiras para os livros e o piano de Jane. Um espelho oval pendurado entre as janelas; mas o charme daquela sala, de mobília escassa e paredes mal pintadas, deve ter sido, para quem tinha idade suficiente para entender, a astúcia que dali fluía, toda a diversão e tolice de família grande e inteligente (AUSTEN LEIGH, 1914, p.37).

I remember the common-looking carpet with its chocolate ground, and painted press with shelves above for the books, and Jane's piano, and an oval looking-glass that hung between the windows; but the charm of the room with its scanty furniture and cheaply painted walls must have been, for those old enough to understand it, the flow of native wit, with all the fun and nonsense of a large and clever family (AUSTEN LEIGH, 1914, p.37).

No início de 1816, Jane começa a apresentar os primeiros sintomas do que se tornaria a doença que lhe tirou a vida. Apesar da incerteza que paira até os dias de hoje acerca do diagnóstico preciso, a probabilidade é grande de que o mal fosse a Doença de Addison, levando-se em consideração os relatos sobre o quadro de Jane, feito por membros da família e pela própria escritora. A Doença de Addison é um tipo raro de comprometimento das funções endócrinas também conhecido como hipocortisolismo, ou seja, a incapacidade dos rins de produzir o hormônio cortisol em quantidade suficiente para suprir o organismo. A primeira publicação sobre a doença consta do ano de 1855, portanto, como dito acima, não se tem um diagnóstico preciso do que exatamente teria causado a morte de Jane Austen.

A progressão da doença se dá, normalmente, de forma lenta e seus sintomas podem ser ausentes ou muito discretos até que o paciente seja submetido a uma situação de estresse ou perigo iminente. Os sintomas de Jane podem ter começado a se manifestar muito cedo, a partir de seus vinte e cinco anos de idade. Como sabemos uma vez informada pela irmã que a família se mudaria de Steventon para Bath por ocasião da aposentadoria de seu pai, Jane sofreu um desmaio. Chama atenção, todavia, o fato de que a escritora não era em sua natureza uma pessoa facilmente abalável, propensa a crises nervosas ou reações desproporcionais. Desmaios, quedas de pressão, cansaço e fraqueza estão entre os principais sintomas da Doença de Addison, seguidos de fortes dores abdominais e nas costas.

Durante todo o ano de 1816, o estado de saúde de Jane oscilou, porém tendia a uma piora clara a cada dia, apesar das falsas esperanças em torno de uma melhora, causada por um curto período de remissão entre o final de 1816 e o início de 1817. Os sintomas da doença, entretanto, logo reapareceram e o tempo em que Jane permanecia na cama era cada vez maior, e apesar de sentir-se extremamente fraca e irritadiça, Jane esforçava-se para seguir escrevendo

sempre que possível. Em maio de 1817, ela foi levada pela família para Winchester, onde poderia desfrutar de melhores condições de tratamento. Os médicos, contudo, não tinham esperança de vê-la curada. Sobre seu estado de saúde na época, seu irmão, Henry, mais tarde escreveu:

Ela suportou, durante dois meses, toda a sorte de dor, irritação e tédio que se pode imaginar em uma situação de padecimento, com extrema resignação e ânimo. Ela manteve suas faculdades mentais, sua memória, seu bom gosto e sua temperança. Sua afetuosidade, calorosa, verdadeira e única, a manteve até o último momento (AUSTEN apud LEFAYE, 2002, p. 38-39).

She supported, during two months, all the varying pain, irksome, and tedium, attendant on decaying nature, with more than resignation, with a truly elastic cheerfulness. She retained her faculties, her memory, her fancy, her temper, and her affections, warm, clear and unimpaired to the last (AUSTEN apud LEFAYE, 2002, p. 38-39).

Jane veio a falecer em 18 de julho de 1817, e foi enterrada na Catedral de Winchester. Henry tomou para si a incumbência de enviar para publicação os manuscritos restantes da irmã. Foi assim que no ano seguinte, 1818, foram publicados *A Abadia de Northanger* e *Persuasão*.

O legado da obra de Austen é atemporal e infinito. Tanto tempo depois de escritos, seus livros ainda são não somente lidos, mas cultuados ao redor de todo mundo, por leitores de todas as idades. A explicação para este fenômeno pode estar no fato de Jane ter escrito de maneira tão perspicaz sobre o que realmente conhecia e que é de interesse de todos: o comportamento humano. Questões relativas à vida em sociedade, porém também de natureza fundamentalmente íntima e particular, independentes de gênero. O amor, a família e seu espaço. O bem que, ao final, triunfa sobre o mal, culminando no que todos, em diferentes graus, de fato esperam: um final feliz.

## 1.2 O Cenário Sócio-Histórico-Cultural

*Não é de se surpreender que a grandeza da Inglaterra durante a época que seguiu a Revolução deve ser considerada por seus indivíduos, pelas conquistas de sua vigorosa e livre população, pela concorrência aberta de seu comércio e indústria nos mercados mundo a fora, ao invés de suas instituições corporativas, como a igreja, as universidades, as escolas, o funcionalismo público e as corporações locais, que se encontravam todas parcialmente adormecidas. A glória do século XVIII na Grã-Bretanha está na genialidade e na energia de seus indivíduos agindo livremente em uma comunidade livre.* George M. Trevelyan

Nesta seção temos como objetivo ressaltar o momento histórico da Inglaterra em que se inserem Jane Austen (1775–1817) e suas obras *Razão e sensibilidade*, de 1811, e *Orgulho e preconceito*, de 1813, procurando ressaltar aspectos culturais e políticos que possam ter sido relevantes para a construção da sociedade inglesa tal qual ela se apresenta nos romances aqui focalizados.

Tomamos como base principais de pesquisa sobre a história da Inglaterra as obras *British History in the Nineteenth Century and After* (1922) e *History of England* (1926), de George Macaulay Trevelyan. Segundo esse historiador, a história de um país como a Inglaterra jamais poderia ser contada como tendo sido feita apenas de eventos, mas sim, de processos. Por este motivo, voltaremos um pouco no tempo para melhor ilustrar eventos e processos que contribuíram para moldar determinadas características da sociedade inglesa do início do século XIX, momento em que os romances em tela vieram a lume.

Esse nosso retorno nos leva até o movimento político, conhecido por “Revolução Gloriosa”, ocorrido entre os anos de 1688 e 1689. O grande marco da Revolução foi a deposição do trono de James II, um Stuart, causada por questões de ordem política e religiosa. O rei havia deixado clara sua intenção de restaurar o catolicismo. A esse respeito, Ana Lucia de Souza Henriques, em *A Representação do Nacional em The Heart of Midlothian, de Walter Scott, e Iracema, de José de Alencar* explica que:

A herdeira de James II seria sua filha Mary, uma anglicana casada com William, príncipe de Orange, que governava a Holanda. O marido de Mary também é um Stuart e protestante. A crise política já existente agrava-se, quando sua segunda esposa, a católica Mary of Modena, dá à luz um menino que passa a ser o Príncipe de Gales, o novo sucessor do rei. Em face à ameaça de ter no trono inglês, após o reinado de James II, uma sucessão de reis católicos, uma carta formal é enviada por lordes ingleses para William, convidando-o a invadir a Inglaterra. A invasão



acontece naquele mesmo ano, em 1688. James, então, foge para a França após ter perdido o apoio também de sua filha mais nova, a protestante Anne, num momento da história britânica que ficaria conhecido como a Revolução Gloriosa. A coroa é oferecida a Mary e William, em 1689, numa espécie de governo em conjunto, embora na verdade o poder ficasse nas mãos de William (HENRIQUES, 1998, p. 26).

A Revolução, porém, consistiu em mais do que apenas a substituição de monarcas. Tratou-se, na verdade, de um dos mais importantes eventos no que diz respeito à evolução dos poderes do parlamento inglês que, com a aprovação da Declaração de Direitos no mesmo ano de 1689, submeteu ao parlamento os poderes da monarquia.

Os objetivos da Revolução não giravam em torno de uma reforma total da política do país. Como ressalta Trevelyan: “*O ostensivo objetivo da Revolução não era a mudança, mas a conservação*” - “*Indeed the ostensible object of the Revolution was not change but conservation*” (TREVELYAN, 1973, p. 505).

No ano de 1760, sobe ao trono inglês George III, onde permaneceria até 1820. É durante o reinado desse rei da casa de Hanover que então chegamos ao período histórico referente à vida de Jane Austen e à escrita das obras que pretendemos analisar. Como indicado anteriormente, a romancista nasceu em 1775 e morreu em 1817, isso significa que George III foi o único monarca a reinar durante o período de vida da escritora.

Os últimos anos dos setecentos e o início dos oitocentos podem ser considerados como tendo sido marcados, essencialmente, por três aspectos: um processo de individualização da sociedade, um movimento que se iniciava pela transição da vida rural para a vida na cidade e o começo da ascendência da máquina sobre o trabalho no campo. Como todas essas inovações podem ser tomadas como processos de desenvolvimento, podemos observar que a chegada das máquinas à região em que Jane Austen morou é posterior ao período de sua vida. Tal constatação serve para explicar o fato de que o foco de suas narrativas está voltado para o cotidiano de pequenas cidades rurais que ainda não haviam sofrido o impacto causado pelas mudanças decorrentes do progresso industrial, como também para os costumes dos habitantes dessas pequenas localidades em que moram famílias como os Dashwoods e os Bennets, apresentados respectivamente em *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*. Assim, é o modo de vida da sociedade em que Jane Austen e suas obras se inserem que melhor norteia o comportamento de suas personagens.

A própria autora nasceu e foi criada em meio à rotina de tarefas domésticas e a curiosidade pela vida alheia, um dos assuntos preferidos nas rodas de conversa dos ambientes de salão da época. Trivialidades estas, típicas à vida no campo. E é exatamente este o universo

apresentado por Austen em seus romances, um universo recheado de características próprias de uma parte da Inglaterra rural do século XVIII.

Sabemos, no entanto, que esta sociedade à qual nos referimos se apresentava de forma bastante estratificada. Havia a nobreza, que descendia diretamente da monarquia e cujos títulos eram passados de pai para filho há centenas de anos. Logo abaixo, os baronetes, título também herdado que, no entanto, não conferia uma condição de nobre descendente direto do rei. Os cavaleiros, título por honra e merecimento vinham a seguir. Finalmente, a classe média, formada por proprietários de terras de diferentes fortunas e graus de posição social variados. Segundo LeFaye, “*Havia os grandes, que viviam com profusão, os ricos, que viviam com abundância, e a classe média, que vivia bem*”- “*There were the great who lived profusely, the rich who lived plentifully and the middle class who lived well*” (LEFAYE, 2002, p. 73). A porção mais abastada da classe média era comumente chamada de Upper Ten Thousand (Os Dez Mil Superiores), e estes eram os que transitavam entre as diversas camadas da sociedade, possuíam casas em Londres e frequentavam o parlamento. Os demais proprietários de terras, ainda que possuidores de maiores ou menores fortunas, raramente se destacavam fora de seus vilarejos ou pequenas cidades de origem. Convém ressaltar que, os membros desta classe eram os que formavam também, a classe de profissionais da sociedade, sendo que, dentre os mais privilegiados, havia os que ocupavam postos nas forças armadas e no clero, e também os que exerciam as profissões de médico e advogado. Descendo na escala social, vinham os comerciantes, que por muitas vezes prosperavam tanto em seus negócios que chegavam a constituir um patrimônio ainda maior do que aqueles de família nobre que receberam suas terras através do direito de herança. Contudo, apesar de mais ricos do que muitas das famílias aristocráticas, esses comerciantes ainda eram vistos com certo desdém por grande parte da sociedade inglesa do período em questão, pois naquele momento ainda predominava a ideia de que faltava a eles os modos refinados, o comportamento e o porte elegante que somente aqueles nascidos em berço nobre poderiam exibir.

Tudo isto Jane Austen retrata com a sensibilidade que lhe é peculiar. Tratando das questões de comportamento, graça e elegância, a autora mostra, através de um olhar aguçado, a relação entre as convenções sociais e a individualidade, sobre as diferenças entre o que a sociedade espera (o que as pessoas deveriam ser) e aquilo que elas realmente conseguem ser. Dessa maneira, a aceitabilidade do personagem pelo grupo social dependerá de sua capacidade de se adequar ao padrão estabelecido. Podemos observar que aqueles que não apresentam uma conduta dentro das normas, sofrem críticas que irão variar em intensidade de acordo com a gravidade do “desvio” cometido.

Sobre esta escrita, ora contida, ora tomada de arroubos, David Daiches afirma em *A Critical History of English Literature*:

Da lacuna entre o sentimento apaixonado e a ditadura da prudência e do bom senso, Jane Austen discretamente escreve como de costume, de maneira perfeitamente de acordo com os fatos, por trás dos quais, a ironia, ocasionalmente, se faz visível (DAICHES, 1969, p. 747).

Of the gap between passionate feeling and the dictates of prudence and common sense, Jane Austen writes with the characteristically quiet matter-of-factness from behind which the irony only occasionally looks out (DAICHES, 1969, p. 747).

A partir deste estilo é que Jane Austen desenvolve o então chamado romance de costumes, um retrato de uma sociedade na qual as relações interpessoais revelam-se as mais envolventes e significativas características da narrativa. Um universo pautado na convivência entre as famílias, e nos aspectos relativos às emoções e o comportamento humano, associados a vida em sociedade e seus desdobramentos.

Na sociedade retratada por Austen, o campo serve como lugar de deleite para os membros da aristocracia inglesa, que apreciavam os prazeres da vida em contato com a natureza, além de atividades típicas desse tipo de região.

Ainda segundo Trevelyan (1960), dentre o que era mais apreciado, estava o tiro ao alvo com armas de fogo e a caça de pequenos animais como raposas e faisões, que encantavam não só os rapazes das famílias locais, mas também grande parte dos membros das altas classes urbanas, desde lordes até grandes políticos. A busca desses prazeres fazia com que longas temporadas fossem passadas fora das grandes cidades em grandiosas casas de campo, algumas com requinte e características de verdadeiros palácios.

Acerca da escrita sobre a vida, os hábitos e os cenários da sociedade inglesa sob as lentes de Jane Austen, em *British History in the Nineteenth Century and After*, o historiador menciona:

A pequena porção da alta classe provinciana do ocidente, como descrita pela senhorita Austen no final do século, é refinada em suas virtudes quase à exaustão, e é toda provida de muita leitura ou habituada a dedicar tradicionais homenagens às musas das artes (TREVELYAN, 1960, p. 20).

The small provincial gentry of the West, as drawn by Miss Austen at the close of the century, are nice in their gentility almost to a fault, and are all either well-read or

accustomed to pay a conventional homage to the Muses (TREVELYAN, 1960, p. 20).

Em *A Critical History of English Literature*, David Daiches descreve aspectos característicos do dia a dia de mulheres de pequenas cidades campestres, ressaltando aspectos que permeiam romances de costumes escritos por Austen. Uma realidade muito familiar:

Na rotina diária de visitas, compras, costura, intriga e outras questões triviais que são registrados com vivacidade em suas cartas, é onde ela encontrou matéria prima para seus romances (DAICHES, 1969, p.744).

In the daily routine of visits, shopping, sewing, gossip, and other trivial matters which are recorded with na easy liveliness in her letters, she found the raw material of her novels (DAICHES, 1969, p.744).

A respeito do estilo de Jane Austen e a sociedade por ela retratada através de sua ótica, David Daiches afirma que:

Seu estilo é de uma claridade luminosa, bem como as cenas retratadas por ela. Ainda que não tivesse plena consciência disso, ela descrevia a última geração de homens e mulheres ingleses, capazes de contemplar a vida como quem contempla um minueto, com alegria, decoro, e determinação a ir além do que se fazia apropriado com graça, elegância e contentamento. Isso não é romântico ou sentimental, apenas mostra uma percepção notável da relação entre as convenções sociais e o temperamento individual (DAICHES, 1969, p. 744).

There is a luminous clarity about her style as well as about the scenes she portrays. She was describing, though she did not know it, the last generation of Englishmen and Englishwomen who could face life as they faced a minuet, with cheerfulness, decorum, and determination to go through the appropriate motions with grace, elegance and enjoyment. This is neither romanticism nor sentimentality, but shows a remarkable insight into the relation between social convention and individual temperament (DAICHES, 1969, p. 744).

O crítico ainda ressalta que este grande interesse e procura pela leitura, educação, refinamento e conhecimento das artes em geral, levou à criação de escolas de boas maneiras e à instauração de círculos de leitura. Esta busca por aprimoramento, como mencionado anteriormente, foi o que motivou os membros de uma camada específica da classe média a se tornarem profissionais em diferentes escalas, de acordo com seu acesso à educação formal e posição social. De acordo com as leis sobre o direito de herança, vigentes durante o reinado de George III, o filho mais velho seria o herdeiro da propriedade da família. Havendo terras

ou quantia em dinheiro advindas do lado materno, estas então seriam herdadas pelo segundo filho mais velho. Os demais deveriam sair em busca do próprio sustento e isto se dava principalmente através do ingresso nas forças armadas, na ordenação como membro do clero ou na ida para universidade que os permitiria atuar como médicos ou advogados. Lembramos mais uma vez que outra possibilidade era a de atuar nas áreas relacionadas ao comércio, o que, poderia render fortunas apesar de não ser visto com bons olhos pelas famílias bem estabelecidas da classe proprietária.

Os filhos mais jovens dessa classe também viam nas forças armadas uma boa oportunidade de receberem significativa remuneração em dinheiro além de menções honrosas por seus feitos com a eclosão das guerras Napoleônicas. A Real Marinha Britânica, durante o século XVIII, havia adquirido importância mundial, enviando seus navios a todos os continentes, navegando por todos os oceanos, em atividades que iam desde a expansão do comércio entre a Inglaterra e demais nações comerciantes, bem como o patrulhamento e a defesa do Reino Unido, garantindo que não haveria invasões de qualquer natureza. A vida no mar não era fácil. Muitos marinheiros morriam em decorrência de infecções e doenças de todo tipo, ou eram mortos em combate. Ainda assim, eram muito admirados aqueles que enveredavam por este caminho. Este reconhecimento da sociedade, aliado à possibilidade de crescimento pessoal e financeiro, bastava para fazer com que os rapazes superassem o medo e a distância de suas famílias e de sua terra natal, para lançar-se ao mar em busca de prosperidade futura.

Em relação ao Exército, podemos observar que não se tratava de um destino de tão alto prestígio aos olhos daquela sociedade quanto a Marinha. Os rapazes que pretendiam tornar-se soldados, se dirigiam normalmente à Real Academia Militar de Woolwich, uma renomada escola de formação de oficiais localizada nos arredores de Londres.

Diferentemente da Marinha, as promoções no Exército se davam menos por mérito e mais através da influência e favoritismo de terceiros, havendo então a venda de patentes e inúmeros favores concedidos aos filhos de famílias de alto poder aquisitivo dentro e fora da corporação. Os chamados regimentos de milícia eram formados por rapazes recrutados em seus próprios vilarejos e tinham como dever principal a defesa do interior do país, não sendo convocados a lutar nas guerras ou atuar nas forças de defesa nacional.

A proeminência do clero nos vilarejos era uma característica dominante. A posição do clérigo estava intimamente ligada à das famílias proprietárias de terras. O curioso é que em tempos muito anteriores, como na era medieval e na dinastia Stuart, a ordenação de rapazes como membros do clero era feita especialmente entre os filhos das classes mais baixas da

sociedade. Foi com a instituição do pagamento do dízimo e das tarifas destinadas à realização de casamentos, batizados e outras solenidades, além dos demais privilégios obtidos entre os integrantes do clero, que a condição de pároco atingiu o status de posição destinada aos filhos da classe média.

George Trevelyan, em *British History in the Nineteenth Century and After*, trata deste marco do processo histórico, mencionando Jane Austen no que se refere ao mesmo assunto:

Com o passar do tempo, burgueses e párocos uniram-se formando um mesmo perfil; ao ler os romances escritos pela senhorita Austen, que são as mais precisas de todas as miniaturas da vida social, é por muitas vezes difícil se lembrar quem, dos jovens amantes é um homem do clero ou um senhor de grandes propriedades. (TREVELYAN, 1960, p. 24).

At length the gentry and the parsons became fused into a single type; in reading Miss Austen's novels, the most accurate of all miniatures of social life, it is often difficult to remember which of the young lovers is a clergyman and which a squire (TREVELYAN, 1960, p. 24).

Trevelyan completa, referindo-se a Austen sobre o mesmo tema:

Tornou-se cada vez mais comum, com os idos do século XVIII, que um rico proprietário de terras, construísse alguns cômodos extras destinados à residência paroquial, deste modo, agregando valor às condições de sua própria família, indicando um dos próprios filhos à posição de pároco. (TREVELYAN, 1960, p. 24).

It became more and more the custom, as the eighteenth century went on, for a rich landowner to add to the value of the family living, build on a few more rooms to the parsonage, and appoint one of his own sons (TREVELYAN, 1960, p. 24).

Algo semelhante aconteceu no lar dos Austen. O reverendo George Austen, pai de Jane, conseguiu do Arcebispo de Canterbury, uma autorização para que ficasse responsável não só pela paróquia de Steventon, cidade da família, mas também da localidade vizinha, Deane. Apesar de a renda obtida através da nova paróquia ter melhorado as condições financeiras da família, o reverendo Austen instituiu, nas dependências da própria casa, uma escola para meninos, onde ministrava aulas que visavam o futuro ingresso de seus alunos na universidade.

Dessa maneira, a eclosão do clero como uma atividade reconhecidamente prestigiada pela classe média fez com que fossem instauradas inúmeras escolas destinadas ao estudo da

Bíblia e dos escritos filosóficos que concerniam ao saber que à igreja interessava propagar. Independentemente dos interesses da igreja, o que se sucedeu foi que, com a formação destas escolas, uma camada maior da sociedade passou a ter mais acesso ao aprendizado da leitura e da escrita.

Alguns dos educadores mais conservadores temiam que, com o domínio da escrita, membros das classes camponesas se virassem contra o sistema político vigente, ou perdessem o interesse por suas atividades no campo para candidatarem-se, junto aos filhos da alta classe, à posição de pároco local.

A propagação das escolas dominicais fez surgir outros meios de acesso ao aprendizado, por exemplo, as chamadas Escolas Públicas Nacionais, constituídas por grupos de educadores menos tradicionalistas que defendiam que a mera leitura dos textos bíblicos não se fazia suficiente como ensino completo àqueles que então necessitavam e buscavam por uma educação plena. E ainda que muito da verba destinada à educação fosse proveniente da igreja e que esta tenha gradativamente suspenso estes benefícios, estima-se que, ainda na primeira metade do século XVIII, cerca de seiscentas mil, de um montante de aproximadamente dois milhões de crianças, estivessem frequentando algum tipo de escola. Já se contava então com cerca de doze mil Escolas Públicas Nacionais no país.

Os jovens de famílias abastadas faziam parte da igreja, das forças armadas e da política local. E é neste sentido que a nobreza britânica provou-se imensamente mais capacitada a manter a organização do país. Na Inglaterra, os nobres donos de terras haviam-se feito cada vez mais ricos, mais influentes e poderosos.

Em relação à aquisição de conhecimentos culturais, cabe lembrar também que cada vez mais se viajava em busca de contato com o novo, e esse tipo de excursão tornou-se muito mais acessível com o desenvolvimento e melhoria das estradas que ligavam cidades e vilarejos dentro do próprio país, bem como os caminhos que ligavam a Inglaterra a seus países vizinhos. Em finais do século XVIII, estima-se que uma parcela da população inglesa de aproximadamente 40.000 pessoas, incluindo nobres e seus criados, se encontrasse excursionando ao redor do país e de outros países. As Terras Altas na Escócia e as belas paisagens das regiões dos lagos ao norte da Inglaterra eram destinos subitamente muito procurados devido à influência da leitura das obras de escritores renomados como o escocês Sir Walter Scott (1771 – 1832) e o inglês William Wordsworth (1770 – 1850). O entusiasmo e fascínio por William Shakespeare (1564 – 1616) e John Milton (1608 – 1674), por exemplo, era notório nas conversas levadas nos círculos sociais bem como em cartas e escritos em geral.

A respeito desta ligação entre literatura e viagem, e o desejo muitas vezes despertados no leitor de conhecer os cenários de determinadas obras literárias, Ana Lucia de Souza Henriques, em seu ensaio *Literatura escocesa e turismo: obras literárias como agentes de viagem* nos lembra que:

Literatura e viagem sempre estiveram intimamente ligadas, estabelecendo entre si uma relação de circularidade, um processo de retroalimentação, pois uma obra literária tanto pode levar o leitor a partir em viagem como uma viagem pode levar o viajante à escrita de uma obra (HENRIQUES, 2010, p.1).

Quanto ao cenário político relativo ao período histórico em tela, cabe ressaltar, no entanto, que o ativismo político não era um ponto forte entre a população inglesa de George III. Havia todo um sistema corrupto e fraudulento que permeava o cenário econômico inglês. Entretanto, uma vez que o país prosperava em sua independência, não ocorria à maior parte da sociedade questionar os moldes da política vigente ou mesmo considerarem-se oprimidos pela oligarquia sob a qual viviam.

Com a ascensão de George III, houve uma renovação dos interesses de toda a população pelo panorama político e econômico nacional, contudo, nenhuma mudança ocorreu em relação ao fato de que não era exercido um controle democrático do parlamento. Apenas com a Reforma de 1832, foi que os cidadãos retomaram sua influência sobre o parlamento. A chamada aristocracia parlamentar foi o que, ainda durante o século XVIII, deu forma aos primeiros modelos de democracia que viríamos a conhecer no século seguinte.

Pelo que podemos observar, é quase certo que se a nobreza associasse o conceito desta democracia a uma concessão de poder ao povo como um todo, e não só às altas camadas da sociedade, este conceito não teria sido recebido e exercido com tanto interesse. O parlamento, porém, era considerado uma câmara exclusivamente aristocrática, de onde a maior parte de seus membros comandava os mais altos interesses do país. Podemos então concluir que a aristocracia parlamentar do século XVIII foi a grande responsável pelo crescimento da tradição política na Inglaterra, mais uma vez reforçando a tese dos eventos históricos serem resultados dos processos que se iniciam, muitas vezes, séculos antes e que, de certa forma, acabam por se repetirem.

Jane Austen opta abertamente por não aprofundar-se em alguns eventos históricos marcantes de sua época como a revolução industrial, as guerras e os contratemplos e instabilidades dos cenários político e econômico, e mesmo da monarquia. Contudo, à sua



maneira, a escritora presta uma enorme contribuição aos estudos da sociedade em que ela e suas obras se inserem ao traçar um rico painel de costumes. Ao tornar seus personagens protagonistas de dramas corriqueiros, cujas ações giram em torno de complicações sentimentais, sociais e financeiras, Austen ultrapassa os limites da literatura colaborando preciosamente com o registro da história da Inglaterra. Dessa maneira, romances como *Orgulho e preconceito* e *Razão e sensibilidade*, ao revelarem detalhes da típica vida no campo, muito podem contribuir como fonte de pesquisa para a escrita de livros de história oficial, aqui especialmente representados nas obras do historiador George M. Trevelyan.

### 1.2.1 Neoclassicismo X Romantismo

A seguir pretendemos mostrar de que forma personagens femininas nas obras *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito* apresentam comportamentos que transitam por elementos ora românticos, ora neoclássicos. Comportamentos estes que refletem o tipo de educação recebida pela autora e pelas próprias personagens femininas visitadas neste estudo.

Os períodos neoclássico e romântico caracterizam-se principalmente por defenderem como seus pilares básicos, ideias contrárias entre si: o Neoclassicismo e o Romantismo.

O movimento histórico e cultural conhecido como Neoclassicismo teve início em meados do século XVIII e se baseou essencialmente em ideais de extremo racionalismo, dentre outras características que mencionaremos posteriormente. Uma visão possível da origem do termo “clássico” trazida pelo movimento neoclássico nos é dada pelo crítico literário germano-brasileiro Anatol Rosenfeld (1912 – 1973) em seu artigo Romantismo e Classicismo, e esclarece muito do objetivo a que veio o Neoclassicismo:

O termo vem de classis, “frota” em latim, e refere-se aos classicis, aos ricos que pagavam impostos pela frota. Um escritor “classicus” é pois um homem que escreve para esta categoria mais afortunada e mais elevada na sociedade (ROSENFELD apud GUINSBURG, 1978, pg. 282).

É de suma importância, porém, ressaltar que, o termo “clássico” sofreu várias transformações ao longo do tempo tornando-se sinônimo de, por exemplo, obras literárias e escritores considerados canônicos ou seminais, indispensáveis à formação acadêmica do

indivíduo. Pode ainda, remeter-nos ao período histórico em que a cultura e as artes em geral alcançaram seu ápice. No entanto, se olharmos para estas obras sob seu ponto de vista estilístico, veremos que a designação de “clássicos” não lhes é a apropriada. Muitas delas seriam, por suas características, consideradas românticas.

A respeito das principais características do movimento neoclássico, além dos ideais racionalistas, podemos ressaltar o equilíbrio, a objetividade, a ponderação, as reações comedidas, a reflexão prévia à ação, a disciplina e a ordem. Tudo o que se busca deve ser proporcional e harmonioso. O comportamento valorizado é sereno, pensado e contido em suas manifestações. A visão neoclassicista da natureza é a de perfeita comunhão e harmonia com as leis do universo. A natureza tem como função aguçar sentimentos, deleitar e suscitar reações que sejam aprazíveis aos sentidos do homem, não sendo considerada algo sublime e divino como na visão romântica que mostraremos mais adiante.

Marcante também é o preceito neoclassicista de que a arte não existe com o propósito de individualizar e sim de universalizar, de atingir a humanidade de modo geral. Na literatura, mais especificamente, a ideia é a de que o valor estético está presente somente na obra em si, nunca no autor. Este deve “desaparecer” por trás de sua escrita, adaptando-se às regras e as seguindo de acordo com o que o estilo prega como sendo de máxima importância às obras literárias.

Em forte oposição ao movimento neoclássico, nas últimas décadas do século XVIII, surge o movimento ao qual chamamos de Romantismo. É primordialmente importante, que, antes de falarmos sobre os elementos que caracterizam o movimento romântico e suas implicações, deixemos claro que é possível concebê-lo de diversas formas, e sob vários aspectos e possibilidades. Pensamos, no entanto, de acordo com Benedito Nunes (1929 – 2011), quando definimos o Romantismo de que falamos aqui, como sendo o movimento que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX. Em seu ensaio *A visão romântica*, Nunes evidencia bem as diferentes formas com que se apresentou o movimento romântico:

Pela variedade de seus aspectos, extensivos, para além da literatura e da arte, a todas as dimensões da cultura, pela diversidade das posições contrastantes que abrangeu, o Romantismo foi, na verdade, uma confluência de vertentes até certo ponto autônomas, vinculadas a diferentes tradições nacionais (NUNES apud GUINSBURG, 1978, pg. 52).

Como mencionado anteriormente, o Romantismo surge contrapondo-se a todos os ideais antes defendidos como modelo estilístico pelos neoclássicos. Em detrimento dos padrões racionalistas e objetivos pregados pela corrente que o precedeu, o Romantismo viu como elementos fundamentais de sua criação, a emoção e os arroubos de sentimentalismo, a efusão das paixões, as diferenças, o foco no desigual e a desarmonia.

Como base dos modelos românticos, Anatol Rosenfeld descreveu:

O ímpeto irracional, o gênio original e a exaltação dionisíaca sobrepõem-se à contenção, à disciplina apolínea da época anterior. Prepondera o elemento noturno, algo de selvagem e também de patológico, uma inclinação profunda para o mórbido, a ponto de Goethe ter defendido o Classicismo como aquilo que é sadio e ter visto no Romantismo a encarnação do doentio (ROSENFELD apud GUINSBURG, 1978, pg. 268).

Na literatura isso se mostrou claramente com o fim do domínio da objetividade sobre a subjetividade. O valor da obra não estava mais na obliteração do autor por detrás de suas linhas, e sim o contrário, o mérito do autor está na espontaneidade, na sinceridade e na emoção com que concebe sua escrita. O escritor não devia adequar sua criação de acordo com padrões de perfeição pré-concebidos. O elemento de avaliação do valor da escrita transforma-se por completo. Sobre esta transição do valor da obra literária trazido pelo Romantismo, Anatol Rosenfeld destaca:

O gênio cria a obra com base numa explosão, num surto irracional de sua emoção profunda. E sua criação, por mais imperfeita que seja na perspectiva das regras clássicas será sempre a grande obra, porque exprime o estado de exaltação do criador com toda sinceridade, fato que constitui o valor máximo nesse sentido (ROSENFELD apud GUINSBURG, 1978, pg. 267).

Outra questão que se deve frisar como sendo de grande contraste com a visão racionalista, é o que, a partir de então, é valorizada, no que tange a natureza do indivíduo, esta de concepção inteiramente distinta entre as duas correntes.

Para os neoclassicistas, é comum a todos os homens a faculdade racional, o mesmo nível de capacidade de compreensão e assimilação do universo que os circunda. O que modifica esta capacidade, tornando os homens diferentes entre si, está ligado apenas à educação recebida, ao ambiente e à sociedade em que vivem, colocando, portanto, os homens em igualdade e não valorizando o que há de distinto entre eles. Já o idealismo romântico

acerca da natureza individual, preconiza o inverso. O valor do indivíduo se encontra naquilo que o distingue de outro, na sensibilidade específica que é inerente a cada um. A atenção se volta para o que é peculiar, diferente de um ser humano para outro, ou seja, o foco se volta para a individualidade. Nas palavras de Anatol Rosenfeld:

O romântico, portanto, com o destaque que ele dá ao característico, àquilo que distingue o indivíduo dentro do quadro da sociedade, da nação, da classe em que se encontra ou que individualiza estes “meios” da vida coletiva, abre caminho para a ciência social, mas a sua preocupação básica não é de modo nenhum científica, pelo menos numa acepção estrita. O que ele procura é configurar o homem dentro de um ambiente (ROSENFELD apud GUINSBURG, 1978, pg. 269).

Podemos perceber que há, neste caso, não só uma busca dos românticos pela singularidade, mas também uma incessante busca por um senso de totalidade, por uma integração das partes (que se distinguem entre si) num todo maior que viria a englobar tudo isso num mesmo universo. Diferentemente da visão racionalista, o Romantismo se concentra em vislumbrar os elementos dentro de um quadro global. Esta característica é perfeitamente ilustrada no fascínio dos românticos pelo que é noturno, pois a luz do dia viria a distanciar todas as coisas, mostrando suas diferentes formas, enquanto a visão noturna, a nada confere clareza, unifica o olhar, fazendo com que tudo se una.

Uma vez estabelecidos os preceitos fundamentais que caracterizaram os movimentos descritos acima, é também objetivo desta pesquisa mostrar o quanto cada um deles se faz presente no comportamento de personagens femininas nas obras de Jane Austen selecionadas e mostrar que este comportamento, permeado por elementos neoclássicos e românticos se dá, principalmente, por influência da educação oferecida às mulheres na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX.

Sabemos que na sociedade inglesa do fim do século XVIII, a mulher definitivamente não deveria fazer parte dos movimentos de tomada de decisão e questionamentos acerca da política e economia. Sua educação, quando disponível, deveria se resumir a ensinamentos nas áreas de moda, costura e amenidades, servindo apenas como características que mais agradariam aos homens, e qualidades, ditas necessárias, na busca e conquista de um bom marido que lhes provesse uma vida confortável e segura. Às mulheres de baixa classe social nem mesmo este tipo de educação formal era acessível, uma vez que as famílias não possuíam condições financeiras para o pagamento dos salários de tutores. A participação destas mulheres fora da esfera doméstica tornar-se-ia então ainda mais improvável e restritiva.

O escritor e jornalista britânico Daniel Defoe (1660 – 1731), em seu ensaio *The Education of Women*, trata, ainda que de forma controversa, da questão do direito das mulheres de seu tempo à educação formal. Não ter direito a esta educação seria o que ele próprio veio a definir como um dos mais bárbaros costumes de sua época, uma vez que considerava a Inglaterra um país altamente civilizado e cristão. Segundo Defoe, o tipo de educação a que era exposta a mulher, bem como a maneira pela qual ela recebia esta educação, estariam intimamente ligados ao seu comportamento a despeito dos traços de seu temperamento e personalidade. Seria então de fundamental importância que as mulheres recebessem a educação a que tinham direito, porém com o intuito de que estas mulheres não se comportassem de maneira inconveniente nos círculos sociais, o que, conseqüentemente, iria funcionar como um empecilho quase que intransponível entre a mulher e o casamento, que deveria ser sempre o foco principal de suas atenções.

A questão da educação da mulher no final do século XVIII e início do XIX também mereceu atenção da escritora Elizabeth Hamilton (1756 – 1816). Hamilton defendia que o ideal acerca deste assunto seria voltar aos primórdios do que a sociedade considerava um comportamento moral e virtuoso por parte da mulher e, a partir deste resgate, promover uma alteração dos valores sociais. Sua principal justificativa era a de que os conceitos básicos que ditavam a moral e a virtude da sociedade haveriam sido moldados de maneira a prejudicar a mulher, uma vez que estes modelos de comportamento seriam originários de uma educação tipicamente fundada nos ideais de superioridade não apenas no que concerne à constituição física, mas também a capacidade intelectual do homem sobre a da mulher.

## 2 MULHERES E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XIX

### 2.1 Pensadores e Filósofos que Discutiram a Questão em Tela

Uma vez estabelecidos os preceitos fundamentais que caracterizaram os movimentos descritos no capítulo 1, é nosso objetivo apontar marcas neoclássicas e românticas que se fazem presentes no comportamento de personagens femininas criadas por Jane Austen. Acreditamos que tais marcas sejam decorrentes, principalmente, da educação oferecida às mulheres na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX.

Para discutirmos a questão relativa às mulheres e à educação no século XIX, convém nos debruçarmos, mesmo que de forma breve, sobre o que pensadores dos séculos XVIII e XIX escreveram a respeito do assunto. Dessa forma, iremos considerar suas opiniões tomando-as como representativas de algumas das principais visões acerca da educação geral, procurando ter como foco principal a educação oferecida à mulher.

Convém ressaltar que o século XVIII constituiu um momento histórico de ruptura com paradigmas, trazendo novas perspectivas epistemológicas para o mundo ocidental. Aqui destacamos nomes como John Locke (1632 - 1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), que serviam de base para a construção de um pensamento progressista e que advogavam em nome de uma maior liberdade individual na sociedade. Sob esse novo panorama intelectual, a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem passa a ser questionada. Começava-se a observar vozes em defesa de uma maior igualdade no tratamento da figura feminina, discutia-se qual deveria ser seu papel na sociedade e a que tipo de educação deveria ter direito.

Filósofos como David Hume (1711 – 1776) e Adam Smith (1723 – 1790) defendiam uma visão progressista da sociedade em relação a questões políticas e econômicas, porém no que diz respeito à posição da mulher, o lugar que lhe cabia era de indiscutível inferioridade ao do homem. Anderson Soares Gomes em seu ensaio *Mulheres, sociedade e iluminismo: o surgimento de uma filosofia profeminista na Inglaterra do século XVIII* nos mostra a opinião de Hume expressa em *Das origens e progresso das artes e ciências*, de 1742:

Como a natureza deu ao homem superioridade em relação à mulher ao dotá-lo com maior força mental e corporal, faz parte dele atenuar essa superioridade, o máximo possível, pela generosidade de seu comportamento (...). Nações bárbaras expõem essa superioridade, reduzindo suas fêmeas à escravidão mais abjeta, ao confiná-las, violentá-las e vendê-las. Mas o sexo masculino entre os povos educados, descobre

sua autoridade de uma maneira mais generosa, porém não menos evidente (HUME apud GOMES, 2011, p. 33)<sup>5</sup>.

Outro pensamento comum era o de que ao oferecer às mulheres um tratamento de maior igualdade, a sociedade se tornaria predominantemente libertina como era considerada, por exemplo, na França.

É importante, no entanto, chamar atenção para o fato de que nem todas as mulheres britânicas do século XVIII eram privadas do direito a alguma forma de educação. Havia na Inglaterra uma grande diferença no tratamento e nas oportunidades entre as classes média e alta e a classe baixa. As mulheres pertencentes às classes média e alta recebiam sim certo grau de instrução, porém, como já mencionado, restrito aos terrenos da música, moda ou da literatura. Já as mulheres das classes menos favorecidas não possuíam condições de acesso a tutores e preceptoras e, por isso, sua participação fora da esfera doméstica se tornava ainda mais incerta.

David Daiches, no terceiro volume de sua obra *A Critical History of English Literature – The Restoration to 1800* (1969), introduz a questão da educação da classe média pós Revolução Gloriosa. A vitória do povo sobre a nobreza levou à rejeição de costumes e padrões de comportamento impostos pela corte à sociedade. Novos códigos de conduta foram sendo estabelecidos acerca das trivialidades da vida, que anteriormente eram privilégio exclusivo da nobreza dominante. De acordo com Daiches:

As diferenças entre os livros que falavam de boas maneiras no período renascentista e os ensaios de Addison e Steele no início do século XVIII ilustram com espantosa clareza as diferenças entre a educação da velha aristocracia e a nova classe-média (DAICHES, 1960, p. 593).

The differences between the courtesy books of the Renaissance and the essays of Addison and Steele in the early eighteenth century illustrate with quite startling clarity the differences between the old aristocratic education and the new genteel variety (DAICHES, 1960, p. 593).

Ainda segundo Daiches, Joseph Addison (1672 – 1719) e Richard Steele (1672 – 1729) atuaram como os grandes educadores da classe média inglesa do início do século XVIII.

---

<sup>5</sup> Tradução de Anderson Soares Gomes.

Em março de 1711, Addison e Steele lançam a primeira edição do periódico *The Spectator*. Os ensaios publicados tratavam de assuntos diversos que muitas vezes diziam respeito a peculiaridades da vida tanto na cidade quanto no campo, apresentando temas de natureza bastante variada pertencentes a diferentes classes sociais, o que pode ser entendido como parte da tentativa de educar e unificar a sociedade do país. A leitura do *The Spectator* contribuiu para uma maior abrangência em relação aos temas discutidos em situações informais. Esse parece ter sido um dos objetivos dos editores pelo que podemos comprovar através do que Addison afirma no décimo volume do *Spectator*. Vejamos suas palavras: “A meu respeito, espero que seja dito que fui aquele que trouxe a filosofia para fora dos gabinetes e bibliotecas, das escolas e universidades, para levá-la aos clubes e reuniões e às mesas das casas de chá” – “*I shall be ambitious to have it said of me, that I have brought philosophy out of closets and libraries, schools and colleges, to dwell in clubs and assemblies, at tea-tables and coffee-houses*” (ADDISON apud DAICHES, 1960, p. 595). Era esta a natureza das ideias que integravam o programa educacional destinado à sociedade inglesa pós-Reforma, especialmente dedicada aos novos ricos e membros da classe média ascendente.

A educação da mulher também mereceu a atenção de Daniel Defoe, outro importante nome da literatura e o do jornalismo inglês. As ideias por ele levantadas a respeito do tema são merecedoras de nossa atenção apesar de parecerem controversas no que tangem aos propósitos da educação feminina.

Daniel Defoe, nascido em Londres no ano de 1660, trabalhou como jornalista, fundando o periódico inglês *The Review*, que contava três publicações semanais, entre 1704 e 1713, sendo considerado o primeiro periódico inglês. Defoe demonstrou ser politicamente ativo ao escrever panfletos que ficaram famosos na Inglaterra da época, em sua maior parte manifestando apoio ao rei Guilherme III, da Casa de Hanover, contra aqueles que pregavam que apenas os de puro sangue inglês poderiam subir ao trono. Manifestou também seu repúdio à intolerância da igreja anglicana para com seus dissidentes. Contudo, foi como escritor que Defoe, autor de uma bibliografia de mais de quinze títulos, ficou mundialmente famoso, graças principalmente a seus romances *Robinson Crusoe*, de 1719 e *Moll Flanders*, de 1722. Nestas duas obras, Defoe faz uso de sua narrativa realista para problematizar as questões e os percursos de personagens solitárias e em crise.

Em 1719, Defoe também publica o ensaio *The Education of Women*. Neste texto, Defoe afirma que, uma vez que viviam em uma Inglaterra civilizada e cristã, privar a mulher do direito à educação era um costume inaceitável, o que ele mesmo chamou de: um dos mais



bárbaros de sua época. De acordo com sua lógica, civilização e cristianismo estavam ligados, portanto, se Deus criara a mulher com a mesma capacidade de aprender que os homens, às mulheres deveria ser garantido este direito, porém não para beneficiá-las como indivíduos e sim para tanto torná-las melhores companheiras para os homens quanto aprimorar seu convívio em sociedade.

Naquele momento, a educação feminina se resumiria às lições de bordado e costura e, em alguns casos, ao aprendizado da leitura e da escrita, ponto mais alto a que chegaria sua educação. Defoe então questiona o fato de as mulheres serem privadas de uma educação mais ampla, como a oferecida aos homens. Ao defender a criação de uma academia para moças, Defoe demonstra controvérsia no que tange aos propósitos desta educação e ao fato de as mulheres, assim como os homens, possuírem direito a ela. Segundo o escritor, a companhia de uma mulher bem educada seria mais agradável ao homem e, por consequência, tornaria muito mais fácil para a mulher a tarefa de se fazer ser escolhida como esposa. A descrição das instituições de ensino para mulheres é também um ponto de contradição que deve ser observado nas idéias de Defoe.

Afirmações como a seguinte ilustram bem o modo como Defoe estava à frente de seu tempo ao defender a educação da mulher sob tais argumentos:

A capacidade das mulheres é supostamente maior e seus sentidos mais aguçados do que os dos homens; e o que elas são capazes de atingir quando educadas demonstram com clareza sua sagacidade, sem a qual esta não seria a mesma; que nos repreende por nossa injustiça e que faz parecer que o motivo pelo qual negamos às mulheres as vantagens da educação é o medo que isso as leve a competir com os homens em seus feitos (DEFOE, 1968 p. 261).

The capacities of women are supposed to be greater and their senses quicker than those of the men; and what they might be capable of being bred to is plain from some instances of emale wit, which this age is not without; which upbraids us with injustice, and looks as if we denied women the advantages of education for fear they should vie with the men in their improvements (DEFOE, 1968 p. 261).

Em seu ensaio, Defoe defende ainda, a criação de uma academia especificamente voltada para a educação da mulher. Neste modelo de academia proposto pelo escritor, as mulheres deveriam ter a oportunidade de estudar música e dança, que obviamente constituíam matérias de maior interesse entre as mulheres, porém mais do que isso, deveriam aprender línguas, em especial o francês e o italiano e, se possível, outras ainda além destas. Nessa academia deveriam ser ensinadas a arte do discurso e da conversação, como deveria existir o

estímulo à leitura de todo tipo de livro incluindo os de história. Ensinaamentos poderiam levá-las ao desenvolvimento de uma visão de mundo mais ampla e crítica.

Defoe apresentava sua ideia de edificação destas escolas como verdadeiras prisões ou castelos. Altos muros circundariam o prédio para que não fosse possível que as moças fossem vistas e, livre de guardas, o local seria muito bem monitorado no quesito entrada e saída de visitantes, correspondência e contato direto de qualquer natureza com o mundo exterior. Tudo isto, para garantir a virtude e a honra das estudantes, uma vez que estariam longe de casa e fora do alcance do olhar atento dos pais. Vejamos a maneira como Defoe descreve sua ideia deste tipo de escola:

O prédio deveria ter três fachadas simples e lisas, sem nenhum tipo de saliência ou detalhe que permitisse o vislumbre tanto do lado de dentro quanto do de fora. Os jardins, murados da mesma forma triangular, cercado por um grande fosso e com apenas uma entrada, evitando assim, os perigos da intriga e da curiosidade. Não haveria guardas, olhos espionando as damas, porém elas deveriam se portar de acordo com os princípios da honra e da mais severa virtude (DEFOE, 1968, p. 261).

The building should be of three plain fronts, without any jettings or bearing-work, that the eye might at a glance see from one coign to the other; the gardens walled in the same triangular figure, with a large moat, and but one entrance. When thus every part of the situation was contrived as well as might be for discovery, and to render intriguing dangerous, I would have no guards, no eyes, no spies over the ladies, but shall expect them to be tried by the principles of honor and strict virtue (DEFOE, 1968, p. 261).

Não oferecer então, a devida educação e ensinamento à mulher, é, de acordo com a opinião que o autor manifesta em seu texto, não apenas um costume que não promove justiça e igualdade entre os sexos, mas também um costume que vai contra as leis da natureza. Defoe não foi o único a levantar a questão de ser absolutamente antinatural o fato de as mulheres estarem colocadas em uma posição de tamanha desigualdade.

Anderson Soares Gomes lembra que William Alexander publicou em 1779 um trabalho especificamente voltado para a chamada história conjectural das mulheres, intitulado *The History of Women*. Neste ensaio, Alexander afirma que o padrão de comportamento que colocava as mulheres em posição inferior à dos homens era absolutamente contrário àquele observado na natureza, e por isto não poderia ser justificado como uma reprodução do comportamento animal adaptado pelo homem.

Esse tratamento indigno das mulheres de nossa espécie é uma singularidade do comportamento peculiar do homem, e não se originou de nada que ele pudesse observar ao seu redor, já que os animais machos não pretendem governar, dirigir ou ordenar as fêmeas; a não ser na força de seus corpos, podemos discernir que são superiores. Portanto parece que não podemos ter aprendido por analogia a considerar as mulheres como nossos inferiores; e se examinarmos nossa pretensão à superioridade de maneira imparcial, vamos talvez perceber, a não ser na questão de força corporal, que ela é infundada (ALEXANDER apud GOMES, 2011, p. 45)<sup>6</sup>.

Apesar da aparente intenção de William Alexander de estabelecer uma visão de maior igualdade para a mulher, poucos exemplos de propostas de reforma pelos direitos do elemento feminino na sociedade se encontram em seus escritos.

Um exemplo de mulher que teorizou sobre o tema é o da escritora e poetisa irlandesa Elizabeth Hamilton. O ano de seu nascimento não é conhecido com exatidão muito embora o mais provável é que seja, de fato, o ano de 1756 como afirmam estudiosos de sua vida e obra. Nascida em Belfast, Hamilton se muda ainda criança para a Escócia onde passa maior parte de sua vida. Mais tarde, passa a viver na Inglaterra.

Hamilton iniciou sua carreira como escritora do mesmo modo que grande parte das mulheres escritoras da segunda metade do século XVIII, ou seja, não teria seus livros oficialmente publicados a menos que estes viessem assinadas por pseudônimos masculinos ou, como aconteceria como a própria Jane Austen, como sendo obra de um autor não revelado. Tendo escrito obras de cunho pedagógico além de cartas e romances, sua principal obra é *The Cottagers of Glenburnie*, de 1808. Obra esta que atingiu grande popularidade na época de sua publicação, provavelmente devido ao seu conteúdo e linguagem altamente voltados às classes trabalhadoras e camponesas da Escócia do século XVIII. Apesar do estilo e trama simples, Hamilton retratou em *The Cottagers of Glenburnie* questões políticas e sociais referentes à classe trabalhadora demonstrando também interesse em discussões e ideias levantadas pelo movimento iluminista.

Em sua obra, Elizabeth Hamilton não defendeu a busca da mulher pela total igualdade de papéis e atividades com os homens, pelo contrário. No entanto, sua ideia de quais seriam esses papéis e atividades desempenhados pela mulher estão longe de ser conservadoras. Hamilton defendeu fortemente a premissa de que uma mudança na educação da mulher configurava uma condição básica para que houvesse uma reforma social.

O fato de Hamilton não defender que a mulher deveria almejar as mesmas condições dos homens e o fato de a autora apoiar suas ideias em uma base fortemente cristã rendeu às

---

<sup>6</sup> Tradução de Anderson Soares Gomes.

ideias de Hamilton diversas críticas, que acabaram por fazer com que o radicalismo com o qual ela defendeu estas ideias fosse, de certa forma, encarado como menos incisivo do que realmente pretendia ser.

A própria autora, entretanto, direcionou suas ideias de reforma social ao sentido mais radical da palavra. Sua principal proposta era a de voltar aos primórdios do que a sociedade considerava um comportamento moral e virtuoso por parte da mulher e, a partir deste resgate, promover uma alteração dos valores sociais. Sua alegação era a de que os conceitos básicos que ditavam a moral e a virtude da sociedade haveriam sido moldados de maneira a prejudicar a mulher, uma vez que estes conceitos básicos seriam originários de uma educação tipicamente fundada nos ideais de superioridade não apenas no que concerne a constituição física, mas também intelectual do homem sobre a mulher. Como mencionado no último parágrafo do capítulo anterior, aqui demonstramos o pensamento de Hamilton acerca da questão:

Com o desprezo pelo sexo feminino, devido a uma inferioridade imaginária [de força física], foram também desprezadas as qualidades morais que permitiriam constituir-se a perfeição do caráter feminino. Paciência, gentileza, temperança, e castidade são valorizadas sobre as paixões e atingidas através de constante negação e disposição a negar cada desejo egoísta e cada sentimento egoísta, em nome da felicidade alheia, consequência de comportamento dócil e contido e o cultivo dos caridosos afetos sociais. São estas consideradas virtudes femininas pejorativas ao caráter masculino (HAMILTON apud PERKINS, 2010 p. 16).

With a contempt for the female sex, on account of this fancied inferiority [of physical strength], has been associated a contempt for those moral qualities which are allowed to constitute the perfection of the female character. Meekness, gentleness, temperance and chastity; that command over the passions which is obtained by frequent self-denial; and that willingness to sacrifice every selfish wish, and every selfish feeling, to the happiness of others, which is the consequence of subdued self-will, and the cultivation of the social and benevolent affections; are considered as feminine virtues, derogatory to the dignity of the manly character (HAMILTON apud PERKINS, 2010 p. 16).

Como observado, a teoria iluminista tinha como um de seus principais temas de discussões o estímulo ao progresso. O já citado filósofo Jean-Jacques Rousseau, que, em sua obra *Emilio ou Da Educação*, escrita em 1762 foi de encontro ao defendido por Elizabeth Hamilton afirmando que a mulher deveria ser ensinada a sempre controlar seus impulsos, comportando-se constantemente de maneira sensível e agradável.

A coisa mais desejada em uma mulher é a delicadeza; formada para obedecer a uma criatura tão imperfeita quanto o homem (...) ela deve aprender desde cedo a se submeter à injustiça e a sofrer os erros impostos a ela pelo seu marido sem reclamar (ROUSSEAU apud GOMES, 2011 p. 47)<sup>7</sup>.

Tendo em vista as ideias apresentadas neste capítulo, é possível concluir que as questões que abordam a educação da mulher, principalmente na segunda metade do século XVIII, se apresentam em muitos momentos divergentes e até mesmo contraditórias entre si.

Daniel Defoe, embora, defensor do direito da mulher à educação e inovador ao trazer a proposta de criação de uma academia voltada unicamente para este fim, contradiz-se ao fazê-lo com o intuito de tornar esta mulher mais agradável aos olhos do homem. As maneiras extremamente radicais pelas quais Elizabeth Hamilton propunha uma reforma social em prol da igualdade de direitos entre homens e mulheres também pode ser avaliada como uma contradição das propostas progressistas dos ideais envolvendo a educação da mulher. São estes dois dos grandes exemplos da complexidade das questões em torno da educação da mulher e seus desdobramentos neste dado momento histórico.

## 2.2 Vivência e visão de Jane Austen sobre a questão em tela

Focalizamos aqui personagens femininas de *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*. Nosso objetivo é o de, com base em obras biográficas e bibliográficas de e sobre Jane Austen, tecermos considerações a respeito de possíveis marcas relativas ao tipo de educação oferecida às mulheres no final do século XVIII e início do XIX.

Antes que as filhas da classe média rural saíssem de casa para se casar, muitas vezes ainda na adolescência e com rapazes de famílias pertencentes à mesma classe social que as delas, poucas eram as que haviam tido acesso a algum tipo de educação formal, pois até o início do século XIX não era considerado necessário que filhas mulheres fossem enviadas à escola ou que recebessem tutores em casa. Em alguns casos, o fato de uma moça apresentar-se perspicaz e possuidora de um vasto conhecimento de mundo poderia ser na realidade, um empecilho para o casamento, afinal a sociedade em geral não via com bons olhos uma mulher que discutisse assuntos voltados a temas que eram tidos como apropriados apenas para os homens.

---

<sup>7</sup> Tradução de Anderson Soares Gomes.

Em *Jane Austen: The World Of Her Novels*, Deidre LeFaye, afirma que Jane tinha perfeito conhecimento de que era este o comportamento socialmente esperado das mulheres de então. Citando o romance *A Abadia de Northanger*, LeFaye nos traz um exemplo da escrita provocativa de Austen sobre o assunto:

Devem sempre ser ignorantes aqueles que desejam conquistar. Uma mente bem informada é uma mente incapaz de administrar a vaidade dos outros, fato este que uma pessoa sensata sempre gostaria de evitar. A mulher, em especial, se tiver o infortúnio do conhecimento, deve escondê-lo o melhor que puder (AUSTEN apud LEFAYE, 2002, p.87).

Where people wish to attach , they should always be ignorant. To come with a well-informed mind, is to come with an inability of administering to the vanity of others, which a sensible person would always wish to avoid. A woman especially, if she have the misfortune of knowing anything, should conceal it as well as she can (AUSTEN apud LEFAYE, 2002, p.87).

A maior parte das moças recebiam aulas em casa. Ensinadas pelos próprios pais, por governantas ou por tutores de práticas específicas, estas moças, ainda que de diferentes famílias, com interesses diferentes recebiam lições das mesmas habilidades: costura, matemática básica, caligrafia, música, dança, desenho, francês, leitura da Bíblia, obras literárias selecionadas e de escassas noções de história e geografia. Entretanto mais do que qualquer outra arte esperava-se que as moças dominassem a arte da vida em sociedade. Como fazer e receber visitas, como saudar conhecidos e até mesmo como descer escadas com a graça de mostrar o mínimo possível dos tornozelos. Podemos observar nas palavras de Jane Austen em *Orgulho e preconceito* ao descrever a mulher que, aos olhos da sociedade, poderia ser chamada de talentosa (accomplished):

Uma mulher deve possuir um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança, e das línguas modernas, para merecer tal denominação; e além de tudo isso, ela deve ter um algo mais em sua presença e seu modo de andar, seu tom de voz, a maneira como se dirige às pessoas e as expressões que usa, ou não mereceria o nome por inteiro (AUSTEN, 2000, p. 29).

A woman must have a thorough knowledge of music, singing, drawing, dancing, and the modern languages, to deserve the word; and besides all this, she must possess a certain something in her air and manner of walking, the tone of her voice, her address and expressions, or the word will be but half-deserved (AUSTEN, 2000, p. 29).

Assim que eram apresentadas à sociedade, esperava-se que estas moças se casassem o mais rápido possível, afinal de contas, não havia opção de profissão que lhes proovesse sustento futuro e o de suas famílias. A ideia de uma filha de um proprietário de terras rurais trabalhando era absolutamente inaceitável. No entanto, apesar de um casamento se fazer tão necessário e esperado, o ato de cortejar uma dama não era uma tarefa fácil para um rapaz na época. Jovens de sexos opostos, que não possuíam laços de parentesco, não deviam permanecer a sós em lugares privados, e mesmo em público. Em qualquer demonstração de intimidade estava implícito um noivado ou pelo menos a intenção de um.

A maneira como homens e mulheres dirigiam-se uns aos outros era também muito formal, dentro e fora da própria família. Casais se tratavam por senhor e senhora, tratamento também utilizado por filhos ao se dirigirem aos pais. Fora do ambiente familiar, os filhos de uma mesma família distinguiam-se através de seus nomes de batismo, com exceção dos primogênitos. Podemos exemplificar com a família Bennet. Jane, a mais velha é chamada de Senhorita Bennet enquanto as mais novas são chamadas apenas de Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia. Convém ressaltar ainda que na sociedade em que os personagens de Austen estão inseridos, o primeiro nome também era normalmente utilizado em relação a crianças, criados e trabalhadores que ocupassem posições inferiores. A partir do final da década de 1790, já havia se tornado aceitável que uma moça se dirigisse a um cavalheiro apenas por seu sobrenome, como “Willoughby” ou “Bingley”, por exemplo, e isso pode ser observado em nomes retirados da obra da própria Jane Austen.

Toda a contenção do comportamento que se fazia necessária por parte das convenções sociais, muitas vezes acabaria por não permitir que um casal se formasse simplesmente por ambos não conseguirem tomar conhecimento da vontade do outro. Demonstrar e perceber interesse requeria habilidade na interpretação das sutilezas do gestual.

Dentre as restrições de comunicação informal entre moças e rapazes, estava o veto à troca de cartas. De acordo com uma lei do século XIX a correspondência escrita entre solteiros de sexos opostos estava proibida. Esta lei não é mencionada por Austen em nenhum de seus romances, porém é devido a ela que Elinor e a mãe concluem que Marianne e Willoughby estariam noivos.

Willoughby já fazia visitas diárias à casa da família e havia até mesmo recebido permissão de Marianne para guardar consigo uma mecha de seu cabelo. Contudo, as suspeitas acerca de um noivado ainda não revelado entre os dois parece se confirmar quando Elinor vê a irmã escrevendo uma carta ao amado (ainda que secretamente) o informando de sua chegada a Londres. Exemplos da mesma proibição deste tipo de correspondência podem ser

observados na maneira como Jane Bennet tenta contato com Charles Bingley: sempre por meio de cartas às irmãs dele e não a ele diretamente. Some-se a isso a clandestinidade da carta na qual Darcy revela seus sentimentos à Elizabeth, carta esta que ela considera não responder.

Parecia então que, apesar de o casamento ser praticamente o único destino pensado para as jovens do século XIX, eram muitos os obstáculos a serem transpostos para se chegar até o tão almejado altar. O casamento de então possuía também uma condição de negociação financeira entre as famílias. Poderiam entrar nessa negociação desde o pagamento dos dotes em dinheiro pelo pai da noiva até questões referentes às leis de herança e concessões de terra e propriedades em geral. Para muitas famílias, o casamento era também uma maneira de ascender a um nível superior na sociedade altamente estratificada que era a da Inglaterra naquele momento. O que pode significar que casamento por amor não estava em primeiro plano naquela sociedade. Uma vez que pais e noivos estivessem de acordo, estava selado o noivado, e desfazê-lo, por qualquer motivo, era absolutamente proibido ao homem. No caso da mulher, não era considerado uma falta grave desistir de um casamento, mas, apesar de desistências não serem comuns, quando ocorriam, causavam estranhamento entre as famílias vizinhas e conhecidos que partilhavam o mesmo círculo social.

As fortunas eram de grande importância e decisivas não somente para as uniões em matrimônio, mas para orientar o estabelecimento de relações em geral. O significado e a relevância do dinheiro eram muito claras para Jane Austen. Em seus romances, a renda e as fortunas das famílias são características que, inevitavelmente, acabam por definir quem são e apontar possíveis destinos para seus personagens.

Dessa maneira, observamos que as jovens moças provenientes das famílias de classe média da zona rural passavam a maior parte do tempo auxiliando na gerência da casa ou buscando um marido, porém raramente estavam recebendo algum tipo de educação formal. As que estavam, no entanto, eram por vezes consideradas presunçosas e o fato de estudarem matérias diferentes daquelas meramente destinadas ao cuidado do lar, era visto como um obstáculo para o casamento. Os historiadores Roy e Leslie Adkins relatam que William Holland, um rico comerciante e importante proprietário de terras, em 1813, afirmou a respeito de meninas que estudavam línguas estrangeiras, história e literatura:

Eu não acho que mulher alguma se torne melhor por entender latim e grego. Este tipo de ensinamento as torna pedantes e convencidas. Não concordo com costumes masculinos em pessoas de vestido (HOLLAND apud ADKINS, 2013, p. 65).



I should not like any woman the better for understanding Latin and Greek. All pedantick learning of this kind makes them conceited. I do not approve of the manner of boys in petticoats (HOLLAND apud ADKINS, 2013, p. 65).

E segue contestando o propósito de oferecer às mulheres este tipo de educação:

Quem empregaria uma médica? Quem é que daria ouvidos aos conselhos de uma mulher à frente de uma paróquia, a menos que para ridicularizá-la? Eu mesmo quase rio da ideia (HOLLAND apud ADKINS, 2013, p. 65).

Who would employ a female physician? Who would listen to a female divine, except to ridicule? I could myself almost laugh at the idea (HOLLAND apud ADKINS, 2013, p. 65).

De fato, das jovens era esperado que tivessem conhecimento voltados para práticas que as tornassem mais refinadas aos olhos dos homens e, conseqüentemente, atrativas para o casamento. Apesar disso, durante o período de infância de Jane Austen houve um aumento no número de instituições privadas, que cobravam caro pela educação tanto de meninas quanto de meninos. No caso das meninas, a maior parte destas escolas era gerida por senhoras solteiras, como era o caso da senhora Cawley e da senhora La Tournelle, para cujas escolas Jane e sua irmã Cassandra foram enviadas ainda crianças, respectivamente em 1783 e 1785.

Apesar deste aumento na criação de escolas e no interesse pela educação formal na Inglaterra, o número em geral de pessoas que tinha acesso à leitura, variava de acordo com a classe social. Mesmo assim, este foi um momento em que pessoas de classes consideradas mais baixas socialmente passaram a ter mais chances de alcançar níveis educacionais mais altos. Este aumento do acesso à leitura pode ser atribuído à disponibilização de clássicos da literatura em versões simplificadas, divididas em diferentes volumes que poderiam ser adquiridos semanalmente em folhetins, o que gerou interesse no grande público pela leitura de novos romances.

O que ocorreu então foi um crescimento significativo no mercado editorial inglês. Subitamente, era publicado um expressivo número não mais apenas de clássicos da literatura e novos romances, mas também de livros de história oficial, diários de viagem, ciência e biografias. Essa expansão fez com que um maior número de obras de assuntos variados estivesse ao alcance não apenas dos cidadãos mais abastados, mas também de membros da classe média, muitos deles ávidos por ampliar seus conhecimentos. Nesta época, no final da década de 1790, Jane Austen escrevia por prazer, sem a intenção de publicar. Suas histórias

eram do conhecimento de sua família, que frequentemente, se reunia para ouvi-las. E foram seus familiares que a encorajaram. Várias tentativas de publicação tiveram que ser feitas, pois os manuscritos eram repetidamente recusados.

Foi durante o outono de 1811 que o manuscrito de *Razão e sensibilidade* não só fora aceito e publicado em três volumes, como recebera inúmeras críticas positivas. Logo sua primeira edição se encontraria esgotada, o que rendeu à Jane significativa soma em dinheiro como pagamento. Um bom exemplo da excelente recepção da obra de Austen é a resposta do Primeiro Ministro inglês Benjamin Disraeli (1804 – 1881). Certa vez, quando perguntado se já havia tido a oportunidade de ler os romances, afirmou: “*Todos os seis, todo ano*” (DISRAELI apud BLACKWELL, 2010, p.37) – “*All six of them, every year*” (DISRAELI apud BLACKWELL, 2010, p.37). Conforme tomamos conhecimento através de Bonnie Blackwell em seu ensaio *Jane Austen: The Critical Reception*, para Disraeli, que também escrevia romances desde os vinte e dois anos, não havia comparação entre outros dos nomes que lia e Austen no que dizia respeito à herança literária de seu país.

Estimulada pelo sucesso da recepção do primeiro livro, Jane retorna à escrita de *First Impressions*, que, após sofrer alterações, ganharia o título de *Pride and Prejudice* (*Orgulho e preconceito*), e que viria a ser publicado no final de janeiro de 1813. Essa obra se mostrou tão popular quanto sua antecessora, o que motivou o lançamento de uma segunda edição em poucos meses.

Não obstante o êxito de Jane como escritora, seu nome não apareceu na capa de nenhum dos dois romances na época<sup>8</sup>. Afinal de contas, ainda não era considerada uma escolha respeitável para uma moça, perante a sociedade, escrever romances destinados ao grande público em troca de pagamento.

---

<sup>8</sup> Ver anexos B e C

### 3 O EMBATE ENTRE A RAZÃO E AS PAIXÕES

#### 3.1 *Razão e Sensibilidade*

O romance *Sense and Sensibility*, traduzido para o português sob o título *Razão e sensibilidade*, que teve sua primeira edição publicada no ano de 1811<sup>9</sup>, narra a história da família Dashwood, e se passa, em sua maior parte, na região de Devonshire, sudeste da Inglaterra<sup>10</sup>, entre os anos de 1792 e 1797.

As irmãs Elinor, Marianne e Margaret Dashwood, filhas do segundo casamento do Sr. Dashwood, viviam confortavelmente com os pais em Norland Park, residência da família, em Sussex, região ao sul de Londres, mas por ocasião da morte do pai, se vêem obrigadas a se mudarem com a mãe. De acordo com o direito de herança vigente na época, a propriedade da família pertenceria ao descendente mais velho do sexo masculino. Como o Sr. Dashwood possuía um filho, chamado John, de seu primeiro casamento, Norland Park passa automaticamente a pertencer a ele, que rapidamente se muda para a mansão com sua esposa Fanny e o filho do casal. Suas irmãs e a madrasta ficam assim reduzidas a meras hóspedes na casa que fora sua até então. Diante de tal constrangimento, nada lhes resta a não ser buscar moradia em outro lugar.

Sabendo da condição sob a qual deixaria a atual esposa e as filhas, o Sr. Dashwood em seu leito de morte, exige do filho John a promessa de jamais deixá-las desamparadas, garantindo-lhes uma renda anual capaz de prover-lhes a manutenção do padrão de vida ao qual estavam acostumadas. Fanny, porém, convence o marido de que a promessa feita ao pai poderia ser interpretada de outra maneira, e as Dashwoods acabam por deixar Norland Park com praticamente apenas seus pertences pessoais e pouquíssimos recursos em dinheiro. Antes disto, porém, a família recebe a visita de Edward Ferrars, irmão mais velho de Fanny, que imediatamente desperta os sentimentos de Elinor, sendo verdadeira a recíproca por parte de Edward.

Enquanto isso, em Devonshire, Sir John Middleton, primo da Sra. Dashwood, toma conhecimento da situação da família e lhes oferece como moradia Barton Cottage, a casa de hóspedes de sua propriedade. Apesar da nova residência não oferecer nenhuma das

---

<sup>9</sup> Ver anexo B

<sup>10</sup> Ver anexo G

conveniências ou sofisticações às quais estavam acostumadas em Norland Park, a Sra. Dashwood e suas filhas são extremamente bem recebidas, não apenas pelos Middletons, mas pela sociedade local, em especial por um de seus mais ilustres membros, o Coronel Brandon, que logo demonstra interesse pelos encantos da jovem Marianne. Esta, por sua vez, se mostra contrária à ideia, primeiramente, sob a alegação de que, aos trinta e cinco anos, o Sr. Brandon já não possui os requisitos necessários tanto para despertar quanto para sentir paixões.

Já acostumadas à nova região, as irmãs Dashwood dão prosseguimento às suas rotinas diárias e a outras atividades que lhes são prazerosas, como dar longos passeios pelo campo. É durante um destes passeios que, em meio a uma tempestade, Marianne, havendo torcido o tornozelo, é resgatada pelo charmoso Sr. John Willoughby, jovem hóspede de uma respeitada senhora da sociedade local e tia dele. O interesse dos jovens é mútuo. O relacionamento dos dois se torna tão rapidamente público e intenso que desperta a atenção de todo o vilarejo, fazendo com que cheguem a imaginar que estejam secretamente noivos.

Elinor toma conhecimento de que seu amado Edward está, na verdade, comprometido com a jovem Lucy Steele, sobrinha de um dos tutores que Edward havia tido anos antes. Naquela época, era de conhecimento geral que um cavalheiro jamais poderia quebrar o compromisso de um noivado com uma dama. Elinor, portanto, se vê obrigada a suprimir totalmente seus sentimentos por Edward, sabendo que eles jamais seriam correspondidos.

Marianne se entrega à tristeza uma vez que Willoughby se muda para Londres, revelando apenas mais tarde a razão pela qual tomara tal atitude. A tia do rapaz descobre que, anos antes, ele havia engravidado e abandonado uma moça da região, protegida do Coronel Brandon. Como punição ao sobrinho, a tia o deserda, o que o leva a recorrer a um casamento por interesse com uma rica herdeira da cidade apesar de seu amor por Marianne.

Edward Ferrars, decidido a honrar sua palavra e casar-se com Lucy, ainda que apaixonado por Elinor, perde também o direito à herança garantido ao filho mais velho. Quem herdará todo o patrimônio da família é o próximo filho homem da Sra. Ferrars, Robert, e é com ele, então, que a interesseira Lucy vem a se casar, deixando livre de impedimentos o caminho para a união de Edward e Elinor.

Recuperada da desilusão amorosa que tanto a fez sofrer e quase a matou, Marianne, agora ciente não só do passado de Willoughby, mas também de todos os esforços feitos pelo Coronel Brandon para salvar-lhe a vida, aceita a corte por parte de Brandon e acaba por se casar com ele.

De acordo com a biógrafa Deidre Le Faye, acerca do título do romance que inicialmente Jane Austen chamou de *Elinor e Marianne*, este também poderia ter sido

chamado de *Cabeça e Coração (Head and Heart)* ou *Realidade e Ilusão (Reality and Illusion)*, uma vez que Jane faz uso do título do romance para ilustrar a natureza dos conflitos existentes entre os comportamentos calmo e contido de Elinor e os arroubos apaixonados de Marianne.

Segundo as tradições da época e a própria preferência de Jane por romances epistolares (*A História de Sir Charles Grandison*, de Samuel Richardson, era seu livro favorito), o mais provável é que *Elinor e Marianne* tenha começado a ser escrito desta maneira e só mais tarde adaptado para a forma que conhecemos hoje. A presença das cartas em *Razão e sensibilidade* é marcante, inclusive destacando, que estava implícito um noivado entre Marianne e Willoughby, visto que perante as leis da época, qualquer correspondência entre homens e mulheres não comprometidos entre si era proibida. No capítulo XXII do romance, Elinor conclui que o noivado entre Edward e a Srta. Lucy Steele é verdadeiro uma vez que reconhece a letra de Edward na carta que Lucy carrega consigo. Como podemos observar na citação abaixo:

Elinor viu que era mesmo a sua letra, e não podia mais duvidar. A foto, ela poderia crer que pudesse ter sido obtida acidentalmente; poderia não ter sido um presente de Edward; mas uma correspondência escrita entre eles só poderia existir por ocasião de um noivado, por nada mais poderia ser autorizada; por alguns momentos ela quase se abateu – seu coração afundava dentro de si e ela mal podia ficar de pé; mas era extremamente necessário esforçar-se, e ela lutou tão decididamente contra a opressão de seus sentimentos que seu sucesso foi rápido, e até então, completo (AUSTEN, 1994, p.131)

Elinor saw it *was* his hand, and she could doubt no longer. The picture, she had allowed herself to believe, might have been accidentally obtained; it might not have been Edward's gift; but a correspondence between them by letter could subsist only under a positive engagement, could be authorized by nothing else; for a few moments she was almost overcome – her heart sunk within her, and she could hardly stand; but exertion was indispensably necessary, and she struggled so resolutely against the oppression of her feelings that her success was speedy, and for the first time complete (AUSTEN, 1994, p.131).

Embora não diretamente narrado pela personagem, toda a ação principal do romance é vista através dos olhos de Elinor e é deste modo que conhecemos as personalidades das duas irmãs protagonistas da história: Marianne age com a emoção, é ansiosa, impaciente e demonstra dificuldades em fazer aquilo que não lhe dá prazer apenas por uma questão de boas maneiras. Já sua irmã mais velha mostra o comportamento exatamente oposto: é moderada e muitas vezes há referências a ela como sendo o ponto de equilíbrio da família. Como podemos observar logo no início, a apresentação das duas personagens:

Elinor, a filha mais velha de quem os conselhos eram tão eficazes, possuía um forte senso de compreensão, e frieza de julgamento, que a qualificavam, ainda que aos dezenove anos apenas, a ser a conselheira da própria mãe. [...] Ela possuía um excelente coração, seu caráter era afetuoso e seus sentimentos eram fortes, mas ela sabia como governá-los. Uma habilidade sobre a qual a mãe ainda tinha muito o que aprender e uma das irmãs havia decidido nunca ser ensinada. (AUSTEN, 1994, p. 5)

Elinor, this eldest daughter, whose advise was so effectual, possessed a strength of understanding, and coolness of judgment, which qualified her, though only nineteen, to be the counsellor of her mother. [...] She had an excellent heart, her disposition was affectionate and her feelings were strong, but she knew how to govern them. It was a knowledge which her mother had yet to learn and which one of her sisters had resolved never to be taught (AUSTEN, 1994, p. 5).

Logo em seguida, somos apresentados às características de Marianne:

Ela era sensata e inteligente, porém afoita em todos os sentidos: suas tristezas, suas alegrias, não havia moderação. Era generosa, amável, interessante, ela era tudo menos prudente. A semelhança com sua mãe era contundente. (AUSTEN, 1994, p.5)

She was sensible and clever, but eager in everything: her sorrows, her joys, could have no moderation. She was generous, amiable, interesting, she was everything but prudent. The resemblance between her and her mother was strikingly great (AUSTEN, 1994, p.5).

As diferenças existentes no comportamento das duas irmãs não são percebidas apenas pelo leitor. Marianne desaprova constantemente os modos contidos e, o que ela considera ser, a falta de emoção da irmã mais velha. Como vemos no diálogo entre ambas:

- Verdadeiramente, Marianne, eu não tenho nada o que dizer.  
- Nem eu. - respondeu Marianne energicamente. – Nossa situação então é bem parecida. Nenhuma de nós tem nada a dizer; você, porque esconde tudo e eu, porque não escondendo nada (AUSTEN, 1994, p. 163).

- Indeed, Marianne, I have nothing to tell.  
- Nor I. - answered Marianne with energy.- Our situations then are alike. We have neither of us anything to tell; you, because you communicate, and I, because I conceal nothing (AUSTEN, 1994, p. 163).

Durante o curso da história nos tornamos familiarizados com os mais diversos aspectos da vida das irmãs Dashwood em seu novo círculo social. A vida campestre faz com

que estabeleçam novos hábitos que fazem parte de uma nova rotina, que, sob as lentes de Jane Austen, são minuciosamente descritos, o que contribui para o desenvolvimento dos perfis de cada personagem e de seu comportamento em sociedade.

Por esta razão, o vilarejo de Barton e suas residências são tão cuidadosamente retratados por Jane Austen, pois parece ser necessário que o leitor saiba exatamente como se dava o andamento da casa de uma família de classe média, habitante da zona rural da época. Não há, ao longo de todo o romance, referência alguma a nenhuma das três filhas dos Dashwoods terem recebido algum tipo de educação fora da esfera doméstica ou de terem frequentado algum tipo de instituição para moças da época. Há, no entanto, o fato do prestigiado talento de Marianne para a música, canto e desenho, além da leitura de clássicos como Shakespeare e James Thomson, o que condiz com sua natureza romântica e sonhadora. Já Elinor se ocupa de bordar e costurar. Tarefas que revelam sua preferência por atividades práticas que resultem em algo concreto. A pequena Margaret se deixa encantar por um atlas que recebe de presente de Edward. Ao folhear as páginas do livro, tem sua curiosidade despertada por diferentes aspectos da geografia mundial. Através do entusiasmo da menina e da própria escolha de um atlas como objeto de admiração, Jane Austen parece indicar a grande curiosidade acerca de países longínquos que era comum naquele momento histórico.

Não sabemos de que modo haveria ocorrido a formação escolar das Dashwoods. O mesmo, entretanto, não ocorre a respeito das filhas da Sra. Jennings, sogra de Sir John Middleton. No capítulo XXVI, durante uma visita de Elinor e Marianne à residência da Sra. Jennings em Londres, em uma breve descrição do local, tomamos conhecimento do fato de Charlotte Palmer ter frequentado uma instituição destinada à educação formal de moças:

A casa era bonita e bem decorada e as jovens foram imediatamente instaladas em aposentos muito confortáveis, que anteriormente haviam pertencido à Charlotte, e acima da lareira ainda havia a figura colorida de uma paisagem exibindo suas habilidades, como evidência dos sete anos que passara em uma grande escola na cidade (AUSTEN, 1994, p. 154).

The house was handsome and handsomely fitted up, and the young ladies were immediately put in possession of a very comfortable apartment. It had formerly been Charlotte's, and over the mantelpiece still hung a landscape in coloured skills of her performance, in proof of her having spent seven years at a great school in town to some effect (AUSTEN, 1994, p. 154).

A ausência da catequese ou de referências à formação religiosa das personagens no romance de Austen é também um fato que merece atenção especial. Em *Razão e sensibilidade*

especificamente, o personagem Edward Ferrars tem como objetivo principal ser ordenado membro do clero e tornar-se o responsável por uma paróquia que lhe assegurasse bons proventos, suficientes para proporcionar-lhe uma vida confortável, uma vez que sabia que sua mãe jamais aceitaria seu casamento com a jovem Srta. Steele por ela pertencer a uma família de grau muito inferior ao dos Ferrars na escala social. Além disso, a profissão de pároco não oferecia tanto prestígio quanto as carreiras de advogado, médico ou algum cargo político e nada abaixo disto seria aceitável como futuro de um dos filhos da Sra. Ferrars. O curioso, no entanto, é a forma como é tratada a questão da igreja na obra, sempre mencionada única e exclusivamente como oportunidade de carreira profissional. Não há referência à fé religiosa dos personagens, visitas ao confessionário, aconselhamento com os pastores nem são os templos frequentados em busca de conforto espiritual, ao contrário, até mesmo as cerimônias religiosas são encaradas como evento social, onde era possível ver e ser visto.

Ao final do romance, assim que se vê livre do compromisso do noivado com a Srta. Steele, Edward após pedir Elinor em casamento, recebe do Coronel Brandon a paróquia pertencente às suas terras, tendo com isto garantido seu futuro no tocante à questão residencial e profissional, é estranho, porém, que não haja em momento algum, menção por parte de Edward à vocação religiosa ou mesmo vontade de servir àqueles paroquianos como seu líder espiritual. O que, mais uma vez, sugere a ideia de que a sociedade em que se inserem os personagens é pautada pela objetividade e praticidade, que prioriza o bem estar.

Elinor e Marianne casam-se respectivamente com Edward Ferrars e o Coronel Brandon. Diante deste fato, podemos observar o modo como Jane Austen trata do destino de suas duas personagens principais. Elinor acaba casando-se com o amor de sua vida, o que podemos encarar como uma espécie de “recompensa” por seu comportamento contido e sua habilidade em controlar seus impulsos em nome das regras ditas de boas maneiras para uma moça de sua época. A romancista, desta forma, corrobora com os padrões de comportamento de moças da época, pertencentes a famílias de classe média da zona rural inglesa.

Os arroubos de Marianne e sua entrega à paixão lhe custam caro e ela acaba por “aceitar” o casamento com o Coronel Brandon e, enfim, apaziguar a inquietude de seu temperamento.

Dessa maneira, tomando como base os destinos dados a cada personagem, acreditamos poder afirmar que Jane Austen parece se encontrar no entrelugar da razão e da emoção, ou seja, a escritora ilustra o embate entre a racionalidade e os arroubos românticos que marcaram o momento histórico em que ela e suas obras se inserem.



### 3.2 *Orgulho e Preconceito*

Jane Austen iniciou a escrita de seu segundo romance, *Orgulho e preconceito* (*Pride and Prejudice*) entre os anos de 1796 e 1797, inicialmente sob o título de *First Impressions*, que mais tarde precisaria ser alterado por já haver uma publicação do ano de 1800 com este título. Jane então se inspirou numa frase de um de seus romances favoritos, *Cecilia*, da já aclamada escritora Fanny Burney, a quem Jane admirava muito, intitulando sua obra como a conhecemos hoje.

Como já sabemos, Jane escrevia principalmente para deleite da família, que se reunia para ouvir suas histórias. No caso de *Orgulho e preconceito*, o sucesso da história protagonizada por Elizabeth Bennet foi tão grande que seu pai e seu irmão, seus principais incentivadores à publicação de seus romances, enviaram o manuscrito a um famoso editor londrino da época. Este editor, de nome Thomas Cadell, no entanto, parecia não partilhar da mesma opinião do Sr. Austen e seu filho, arquivando o manuscrito. Isso não diminuiu o entusiasmo da família de Jane, que continuou a reler a obra nos círculos de leitura que tinham o hábito de realizar.

Somente quinze anos após a primeira tentativa de publicação, com a excelente recepção de *Razão e sensibilidade* é que o manuscrito de *Orgulho e preconceito* foi novamente enviado para publicação. Desta vez, o romance seria aceito pelo editor, o londrino Thomas Egerton de Whitehall, vindo a ser publicado no ano de 1813<sup>11</sup>.

A história da família Bennet se inicia com a descrição da localidade campestre de Hertfordshire<sup>12</sup>, onde se encontra a propriedade da família, Longbourn House, no vilarejo de mesmo nome, que fica a aproximadamente dois quilômetros ao sul da fictícia Meryton, pequena cidade onde se encontra o comércio local e que, no decorrer da história, se tornará base de um dos regimentos do exército inglês. Podemos dizer que a ação é narrada basicamente através do olhar de Elizabeth, a segunda filha mais velha dos Bennet e protagonista da história, por este motivo não há descrição da região, da casa ou mesmo descrição física dos Bennets, uma vez que seria como descrever para si mesma tudo o que ela já conhecia tão bem.

A famosa frase de abertura do romance: “*É uma verdade reconhecida universalmente que, um homem solteiro de posse de grande fortuna deverá estar em busca de uma esposa*”

---

<sup>11</sup> Ver anexo C

<sup>12</sup> Ver anexo H

(AUSTEN, 2000, p.3) - *“It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune must be in want of a wife”* (AUSTEN, 2000, p.3), traduz perfeitamente os anseios da Sra, Bennet, com os quais desde já nos tornamos familiarizados. Mãe de cinco filhas com idades variando entre quinze e vinte e dois anos, a Sra. Bennet tem como única preocupação o casamento das filhas, de preferência com rapazes de famílias socialmente bem estabelecidas, detentores de significativa condição financeira.

Os Bennets formam a mais proeminente família da vila de Longbourn. O casal está, no início da história, casado há vinte e três anos. A filha mais velha (e a mais bonita) Jane, contava então com vinte e dois anos, em seguida Elizabeth com vinte, Mary com dezoito, Catherine (Kitty) com dezessete e a caçula (e favorita da mãe), Lydia, com quinze anos. O casal Bennet já não contava mais com a possibilidade de ter um filho homem. Assim, segundo a lei de propriedades vigente na época, em ocasião da morte do Sr. Bennet, como não havia nenhum herdeiro direto do sexo masculino, a casa e as terras seriam herdadas pelo primeiro parente indireto do sexo masculino, que, no caso, viria a ser um primo distante, o Sr. William Collins.

O Sr. Bennet, não sendo um homem possuidor de grande fortuna, mostra-se também como não sendo muito prudente, pois nada havia feito durante todo o curso de sua vida para aumentar sua renda e evitar que sua mulher e filhas ficassem na dependência da ajuda de parentes e amigos no caso de sua morte. Ao contrário, era um homem apático e reservado, dado à leitura e constantemente confinado à sua biblioteca particular. Era especialmente ligado à Elizabeth, pois dizia que esta era a única de suas filhas que havia herdado sua perspicácia e inteligência. Também admirava Jane por sua beleza e doçura. Quanto às outras, estas lhe aborreciam tanto quanto a própria esposa com suas atitudes exageradas e conversas sobre assuntos que em nada lhe interessavam. Além disso, ele havia falhado também em prover o mínimo de educação que se esperava que fosse dado a moças de famílias de classe média rural na época a que se reporta a ação do romance. Tal falha fica evidente durante um jantar com Lady Catherine De Bourgh, importante figura da região, que se mostra aturdida pelo fato de as irmãs Bennets não terem recebido grau algum de educação formal.

- Você toca e canta, senhorita Bennet?
- Pouco.
- [...] Suas irmãs tocam e cantam?
- Uma delas, sim.

- Por que todas não aprenderam? Vocês todas deveriam ter aprendido. As senhoritas Webbs todas tocam, e o pai não possui uma renda tão grande quanto a de vocês. Você desenha?

- Não, absolutamente.

- Como? Nenhuma de vocês?

- Nenhuma.

- Isto é muito estranho. Mas imagino que não tenham tido a oportunidade. Sua mãe deveria tê-las levado à cidade toda primavera para tomar aulas.

- Minha mãe não se oporia, mas meu pai odeia Londres.

- Sua governanta as abandonou?

- Nunca tivemos governanta.

- Sem governanta! Como é possível? Cinco filhas criadas em casa sem governanta! Nunca ouvi nada igual. Sua mãe deve ter se escravizado para educá-las.[...]. Quem as ensinou, então? Quem lhes deu assistência? Sem governanta, vocês foram provavelmente negligenciadas.

- [...] Sempre fomos estimuladas a ler, e tivemos todos os mestres que julgamos necessário. As que escolheram o ócio, certamente, assim o tiveram (AUSTEN, 2000, p. 120, 121).

- Do you play and sing, Miss Bennet?

- A little.

- [...] Do your sisters play and sing?

- One of them, does.

- Why did not you all learn? You ought all to have learned. The Miss Webbs all play, and their father has not so good an income as yours. Do you draw?

- No, not at all.

- What? None of you?

- Not one.

- That is very strange. But I suppose you had no opportunity. Your mother should have taken you to town every spring for the benefit of masters.

- My mother would have no objection, but my father hates London.

- Has your governess left you?

- We never had any governess.

- No governess! How was that possible? Five daughters brought up at home without a governess! I never heard of such a thing. Your mother must have been quite a slave to your education [...]. Then, who taught you? Who attended to you? Without a governess, you must have been neglected.

- [...] We were always encouraged to read, and had all the masters that were necessary. Those who chose to be idle, certainly might (AUSTEN, 2000, p. 120, 121).

A notória falta de prendas e habilidades das filhas não é suficiente para que a Sra. Bennet deixe de buscar um marido de posses e bem colocado socialmente para cada uma e a chegada do jovem Charles Bingley à vizinhança, acompanhado das duas irmãs, do cunhado e do amigo, o Sr. Fitzwilliam Darcy, causa verdadeiro alvoroço na residência dos Bennets, uma vez que a presença no local de dois rapazes solteiros e de grande fortuna pode significar a possibilidade de bons casamentos para duas das filhas da Sra. Bennet.

Charles Bingley vem de Londres ao campo por insistência das irmãs que tentam persuadi-lo a comprar uma propriedade. Contudo, a família acaba por alugar a residência de Netherfield Park ao norte de Longbourn. Durante um baile em Meryton, somos apresentados aos Bingleys e ao sisudo Sr. Darcy, que se torna então um marido em potencial muito mais

interessante visto que sua fortuna é vastamente mais significativa que a do Sr. Bingley e a sua propriedade, Pemberley, supostamente equivaleria a dez mil libras, valor suntuoso para a época.

Nas semanas seguintes muitas visitas são trocadas e jantares são dados. Outra importante família da região também se torna presente nos círculos sociais: a do Sir William Lucas. A filha do casal, Charlotte é, após a irmã Jane, a melhor amiga de Elizabeth e aos vinte sete anos, se sente um peso para os pais por permanecer solteira. Sentimento este, considerado tolo por parte da amiga, Elizabeth. Quando pedida em casamento pelo Sr. Collins, Charlotte aceita a proposta feita por ele. Mais tarde, explica à amiga o que a levava a tomar tal decisão:

Não sou romântica, você sabe; nunca fui. Tudo que peço é um lar confortável – e considerando o caráter do Sr. Collins, suas relações e posição na vida, eu estou convencida que minha chance de ser feliz com ele é tão justa quanto a ostentada pela maioria das pessoas que adentra o mundo do casamento (AUSTEN, 2000, p. 93).

I am not romantic, you know; I never was. I ask only a comfortable home – and considering Mr. Collins’s character, connections, and situation in life, I am convinced that my chance of happiness with him is as fair as most people can boast on entering the marriage state (AUSTEN, 2000, p. 93).

O Sr. Collins, na verdade, buscava uma esposa entre as filhas do Sr. Bennet, sendo Jane sua escolha inicial. Contudo, ao tomar conhecimento da ligação da moça com Bingley, Collins transfere suas intenções para Elizabeth. Para desespero da Sra. Bennet, ela recusa a oferta de casamento, sob a alegação de que jamais poderia ser ou fazer com ele fosse feliz ao lado dela numa união sem amor.

O preconceito de Elizabeth contra Darcy surge no momento em que ela entreouve uma parte da conversa dele com Bingley, exatamente o momento em que Darcy diz sua opinião sobre Elizabeth, afirmando que “*Ela é aceitável, mas não bonita o bastante para me atrair*” (AUSTEN, 2000, p.9) – “*She is tolerable, but not handsome enough to tempt me*” (AUSTEN, 2000, p.9).

Em uma tarde muito nublada Jane Bennet recebe uma carta de Caroline Bingley, irmã caçula de Charles, a convidando para jantar em Netherfield. A promessa de chuva forte é iminente e, contando que chuva iria cair, a Sra. Bennet engenhosamente faz com que a filha faça a viagem a cavalo para que ela não pudesse retornar à própria casa, tendo que pernoitar na mansão, o que daria à moça a oportunidade de ter um contato mais prolongado com os Bingleys.

Contudo, a mãe não contava com o fato de Jane ficar seriamente adoentada por haver se molhado ainda no caminho de ida. O plano da Sra. Bennet acaba por se tornar mais eficaz do que imaginara, pois Jane, enferma, não pode por quatro dias deixar o leito, tendo de permanecer na residência dos Bingleys, estreitando, portanto, seus laços com Charles.

Meryton era uma das cidades destinadas ao aquartelamento dos regimentos de milícia do exército inglês. Um grupo de oficiais chega à cidade e junto a eles está o tenente recém nomeado, George Wickham. O charme de Wickham chama atenção de todas as moças da região, inclusive, de Elizabeth. Os dois tornam-se então próximos a ponto de Wickham fazer confidências à Elizabeth a respeito do caráter do Sr. Darcy, a quem ele conhece desde criança.

Segundo Wickham, Darcy havia lhe tomado tudo o que recebera de herança do falecido padrinho, o pai do Sr. Darcy. Além disso, não permitira que recebesse nada mais do que fora deixado para ser entregue a ele por direito. Tudo isso por ciúmes do pai, que, segundo Wickham, sempre o havia colocado acima do próprio filho. Elizabeth não tarda a descobrir que, na verdade, Wickham é um farsante. Havia perdido no jogo a herança do padrinho e tentado seduzir Georgiana, irmã de Darcy, que tinha então apenas quinze anos de idade.

É partir de desse momento que Elizabeth começa a formar uma nova visão do Sr. Darcy, que, por sua vez, passa a nutrir por ela, ainda que secretamente, uma grande admiração. Durante uma visita a Charlotte, já casada e instalada na residência paroquial de Rosings (terras de Lady Catherine De Bourgh), Elizabeth toma conhecimento dos esforços feitos por Darcy para que Bingley voltasse a Londres. Ele acreditava que o amigo não tinha seus sentimentos correspondidos pela Srta. Bennet e, para evitar uma decepção, aconselha o amigo a desistir das investidas na jovem Jane.

A partida de Bingley havia sido um duro golpe para Jane e Elizabeth. Tomada de ressentimento por Darcy devido às atitudes do rapaz, fortemente o repele quando este decide enfim declarar seu amor a ela. Esse sentimento negativo em relação a Darcy só terminará no dia seguinte com a leitura da carta que ele envia à amada esclarecendo toda a verdade sobre a relação de Wickham com a família Darcy e de como havia se passado a separação de Bingley e Jane. Elizabeth se sente envergonhada de suas impressões enganosas, marcadas por preconceito e parcialidades, a respeito do Sr. Darcy.

Naquele mesmo ano, a mais jovem das irmãs Bennet, Lydia, de quinze anos, é convidada por uma amiga a passar uma temporada com ela e o marido na região de Brighton. A escolha da região faz todo sentido, uma vez que, com a declaração de guerra com a França em 1793, as cidades costeiras deveriam ser ocupadas com os regimentos de milícia para a

defesa da nação britânica. A felicidade de Lydia ao partir para Brighton está diretamente ligada ao elevado número de oficiais que ela sabia que encontraria por lá. Em sua imaginação, ela teria a oportunidade de ver e ser vista, sendo alvo de atenção de dezenas de rapazes solteiros ao mesmo tempo.

Neste mesmo verão, Elizabeth também parte em viagem com os tios (a irmã de sua mãe e o marido) em direção a Derbyshire, ao norte de onde viviam. No meio do caminho, Elizabeth é convencida pelo tio a visitarem Pemberley após ter sido assegurada de que a residência estaria vazia naquela época do ano. No entanto, ao percorrer os imensos corredores da mansão, Elizabeth é surpreendida com a presença de Darcy e sua irmã, Georgiana.

Elizabeth e os tios são convidados para jantar em Pemberley e decidem prolongar sua estadia na região. Durante o jantar o grupo recebe a notícia de que Lydia fugira com Wickham, o que arruinaria para sempre, não só o nome dos Bennets, mas também a chance de todas as outras irmãs de se casarem com rapazes bem colocados socialmente.

Pelas próximas semanas, acompanhamos o empenho dos Bennets em recuperar a honra da família. Isto significaria fazer com que Lydia e Wickham se casassem, o que todos temiam não ser possível, pois a moça não dispunha de um dote significativo. Se Wickham decidisse abandoná-la, ela estaria perdida para sempre. O casamento acaba por acontecer, mas logo descobrimos que Darcy fora o responsável pelo pagamento de grande soma em dinheiro a Wickham para que este se casasse com Lydia.

Além disso, Darcy convence Bingley a voltar ao campo e reconsiderar a intenção de pedir Jane em casamento. Bingley vai a Longbourn decidido a fazer o pedido de casamento a Jane e é durante esta visita que Darcy, que acompanha o amigo, e Elizabeth tem a oportunidade de conversar, pedindo todas as desculpas e dando todas as explicações devidas um ao outro após mais de um ano de idas e vindas e mal-entendidos.

Darcy então renova sua proposta de casamento, que meses antes fora tão mal recebida e que agora é aceita com alegria causando surpresa em todos.

*Orgulho e preconceito* foi recebido na primavera de 1813 como um sucesso de vendas e sob críticas muito favoráveis, principalmente no que se referia à natureza de sua protagonista. Há críticas da época que se referem à Elizabeth como independente e vivaz, porém, ponderada e de moral e decoro incontestáveis.

Podemos observar que Jane Austen, em *Orgulho e preconceito*, nos põe frente a frente também com o embate existente entre o racional e o passional e com a maneira com que este choque acontece, em maior ou menor escala, dependendo do tipo de educação formal e/ou informal recebida direta e indiretamente pelas personagens femininas.

Diferentemente de *Razão e sensibilidade*, no entanto, onde é mais claro o impacto causado quando razão e emoção vão de encontro uma à outra, *Orgulho e preconceito* é mais sutil neste sentido, nos apresentando personagens femininas de características muito menos dissociadas quanto as de Elinor e Marianne Dashwood.

A protagonista, Elizabeth Bennet, por exemplo, por sua personalidade forte e independente e temperamento impulsivo pode parecer ao leitor agir sempre como uma transgressora das normas de conduta socialmente impostas por recusar veementemente o pedido de casamento do Sr. Collins, desafiando a própria mãe, além de dizer o que pensa e não se deixar intimidar em situações de confronto. No entanto, as normas estabelecidas pela sociedade em que se insere não permitem a moças como ela ultrapassarem determinados limites, pois, como afirmamos, às mulheres cabem apenas os papéis de filhas, esposas e mães dedicadas inteiramente às suas famílias.

Desta maneira, também em *Orgulho e preconceito* observamos o choque existente entre o racional e o passional, ambos, porém, presentes em escala mais moderada quando pensamos em Elizabeth Bennet: sem arroubos de paixão exagerados, nem a atitude extremamente contida e emudecida pelas expectativas de comportamento feminino da sociedade em que vive. Elizabeth tem o que dizer e isso faz toda a diferença.

## CONCLUSÃO

Jane Austen escreveu sobre o mundo que conhecia. Ambientou suas histórias em um universo que lhe era perfeitamente familiar e seguro, retratando o dia a dia de famílias como as dela própria, pertencentes à classe média proprietária de terras rurais na Inglaterra do fim do século XVIII e início do XIX. Isso nos dá a sensação de que, ao lermos seus romances, estamos entrando em contato com pessoas reais e visitando lugares que de fato existem ou poderiam existir exatamente da maneira como são descritos.

Ao constatarmos o fato de que Jane Austen escreveu sobre sua própria sociedade e um cotidiano no qual realmente se inseriam ela e seus familiares, podemos concluir que a composição de suas personagens está intimamente ligada a esta sociedade e a este cotidiano.

Quando levantamos questões referentes ao modelo de educação oferecido às mulheres da época, podemos afirmar que os reflexos desta educação se apresentam nas obras de Jane Austen, influenciando em maior ou menor escala na vida e no comportamento de seus personagens, neste caso, personagens femininas como focalizamos nesta pesquisa.

Ao longo dos capítulos dessa dissertação, observamos a importância do acesso das mulheres à educação formal em uma época em que ainda eram poucas as famílias inglesas que enviavam as filhas à escola ou as entregavam aos cuidados de tutores, ainda que em ambiente doméstico. Entretanto, o grau de instrução recebido por algumas dessas moças era reconhecido socialmente, como vemos a seguir, no trecho de *Orgulho e preconceito* em que Jane Austen descreve as irmãs do Sr. Bingley:

Eram, na realidade, moças muito elegantes, [...] muito bonitas, haviam sido educadas em um dos primeiros seminários particulares da cidade, possuíam uma fortuna de vinte mil libras, tinham por hábito gastar mais do que deveriam e associar-se a pessoas importantes, e sentiam-se no direito, portanto, de pensar bem de si mesmas e mal dos demais (AUSTEN, 2000, p.12).

They were in fact very fine ladies, [...] rather handsome, had been educated in one of the first private seminaries in town, had a fortune of twenty thousand pounds, were in the habit of spending more than they ought, and of associating with people of rank, and were therefore in every respect entitled to think well of themselves, and meanly of others (AUSTEN, 2000, p.12).

E mais adiante ao descrever a jovem Georgiana Darcy, irmã do Sr. Darcy:



É uma menina muito bonita, de aproximadamente quinze ou dezesseis anos, e, pelo que sei, altamente talentosa. Desde a morte do pai, seu lar é Londres, onde uma senhora vive com ela, e supervisiona sua educação (AUSTEN, 2000, p. 61).

She is a handsome girl, about fifteen or sixteen, and, I understand highly accomplished. Since her father's death her home has been London, where a lady lives with her, and superintends her education (AUSTEN, 2000, p. 61).

Ressaltamos também o quanto esse acesso à educação formal está diretamente relacionado ao casamento e o estabelecimento de uma posição na sociedade sob o status de esposa e, na grande maioria dos casos, mãe. Sociedade esta, responsável por moldar os padrões de comportamento esperados de moças provenientes de famílias de classe média proprietária de terras da zona rural.

Ao trazermos a lume aspectos relativos aos movimentos neoclassicista e romântico, percebemos traços marcantes de ambos nas obras de Austen aqui analisadas. Podemos afirmar, contudo, que Jane Austen não foi uma autora essencialmente romântica apesar da forte presença do elemento sentimental apresentado na composição de suas histórias. Ao mesmo tempo em que ela dá vida a personagens como Marianne Dashwood e Lydia Bennet, por exemplo, fica claro no destino final dado a moças como elas (dadas a arroubos de paixão e caráter impulsivo) que a romancista se apega ainda ao componente neoclássico que ditava as normas de conduta social para moças de sua época. Isto, certamente, se dá devido às marcas da educação recebida pela própria Jane Austen e à sociedade em meio a qual cresceu e se formou como escritora.

A partir da análise de *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito* podemos contemplar as características do momento histórico em que se encontrava a Inglaterra durante a vida de Jane Austen e a respeito do qual aqui dissertamos.

À sua maneira, Jane Austen abordou os temas de sua época. Ou seja, conhecemos uma Inglaterra retratada através lentes da filha de um membro do clero local, de tradicional família de classe média e habitante da zona rural. E a cada movimento de suas personagens femininas nos deparamos com os claros reflexos do modelo de educação do qual falamos aqui.

Afirmamos, portanto, que o modelo de educação oferecido às mulheres da época de Jane Austen e sobre o qual discorreremos aqui, influenciou diretamente a composição de personagens femininas de *Razão e sensibilidade* e *Orgulho e preconceito*, delineando seus traços de personalidade, temperamento e comportamento e com isso refletindo o pensamento e características da sociedade inglesa no momento histórico em que são inseridas.

## REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Nova York: The Modern Library, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sense and Sensibility*. Londres: Penguin, 1994.
- ADKINS, Leslie; ADKINS, Roy. *Jane Austen's England*. Nova York: Viking, 2013.
- AUSTEN-LEIGH, J.E. *A Memoir of Jane Austen*. Londres: Richard Bentley & Son, 1879.
- AUSTEN-LEIGH, Mary Augusta. *Personal Aspects of Jane Austen*. Londres: John Murray, 1920.
- AUSTEN-LEIGH, Richard Arthur; AUSTEN-LEIGH, William. *Jane Austen: her life and letters, a family record*. Nova York: E.P Dutton & Company, 1914.
- BLACKWELL, Bonnie. *Jane Austen: the critical reception*. 2010. Disponível em: <[http://salempress.com/store/pdfs/austen\\_critical\\_insights.pdf](http://salempress.com/store/pdfs/austen_critical_insights.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2014.
- CARPEAUX, Otto Maria. Prosa e ficção do romantismo. In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- DABUNDO, Laura. *Encyclopedia of Romanticism: culture in Britain, 1780's – 1830's*. Nova York: Garland Publishing, 1992.
- DAICHES, David. *A critical history of English literature*. Londres: Secker & Warburg, 1969.
- DEFOE, Daniel. The education of women. In: POOLEY, Robert C. et al. *England In Literature*. Glenview: Scott, Foresman & Cia., 1968. p. 260-262.
- EAGLETON, Terry. *The English novel: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.
- GOMES, Anderson Soares. Mulheres, Sociedade e Iluminismo: O Surgimento de uma Filosofia Prototfeminista na Inglaterra do Século XVIII. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.18 n.29, jul./dez. 2011.
- GUINSBURG, Jacó; ROSENFELD, Anatol. Um encerramento. In: GUINSBURG, Jacó. *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HENRIQUES, Ana Lucia de Souza de. Literatura escocesa e turismo: obras literárias como agentes de viagem. In.: BERUTTI, Eliane Borges. *Literatura e comparativismo 6*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010. Cd-Rom.
- \_\_\_\_\_. *A representação do nacional em The Heart of Midlothian, de Walter Scott, e Iracema, de José de Alencar*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1998.
- HUMPHREYS, Arthur. The social setting: In: FORD, Boris. *The New Pelican Guide To English Literature: from Dryden to Johnson*. Nova York: Penguin Books, 1982. v.4.

JONES, Vivien. *How to study a Jane Austen Novel*. Londres: Macmillan, 1987.

LEFAYE, Deidre. *Jane Austen: the world of her novels*. Londres: Frances Lincoln, 2002.

MARSHALL, William H. *The world of the Victorian Novel*. Cranbury: A.S Barnes and Co., 1967.

NUNES, Benedito. A Visão Romântica: In: GUINSBURG, Jacó. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PERKINS, Pam. Introduction. In: HAMILTON, Elizabeth. *The Cottagers Of Glenburnie And Other Educational Writing*. Glasglow: The Association for Scottish Literary Studies, 2010.

TOMALIN, Claire. *Jane Austen: a life*. Londres: Penguin Books, 1998

TREVELYAN, George Macaulay. *History of England*. Londres: Longmans, Green and Co., 1973.

\_\_\_\_\_. British History. In: THE NINETEENTH Century and After (1872 – 1979). Londres: Longmans, Green and Co., 1960.

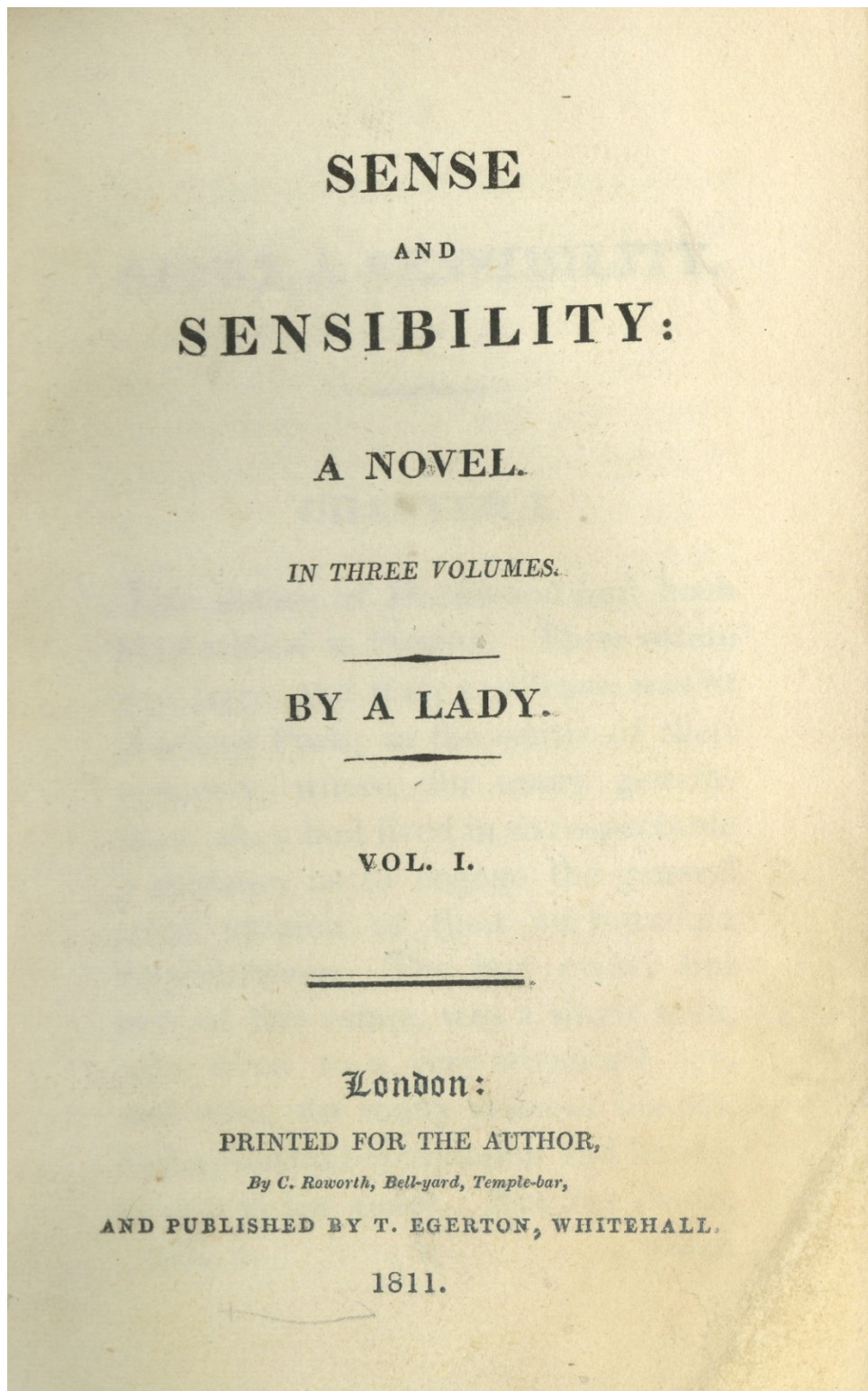
VASCONCELOS, Sandra Gardini. O romance feminino do século XVIII. In: \_\_\_\_\_. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.

YEATMAN, Robert Julian; SELLAR, Walter Carruthers. *1066 and all that: a memorable history of England comprising all the parts you can remember*. Londres: The Folio Society, 2001.

**ANEXO A-** Retrato de Jane Austen

Fonte: < <http://www.miniweb.com.br/Literatura/Artigos/livros/imagens/janeausten.jpg> >  
Acesso em: 22 jan. 2014

ANEXO B- Contra-capa da primeira edição de *Razão e sensibilidade*. Publicado em 1811

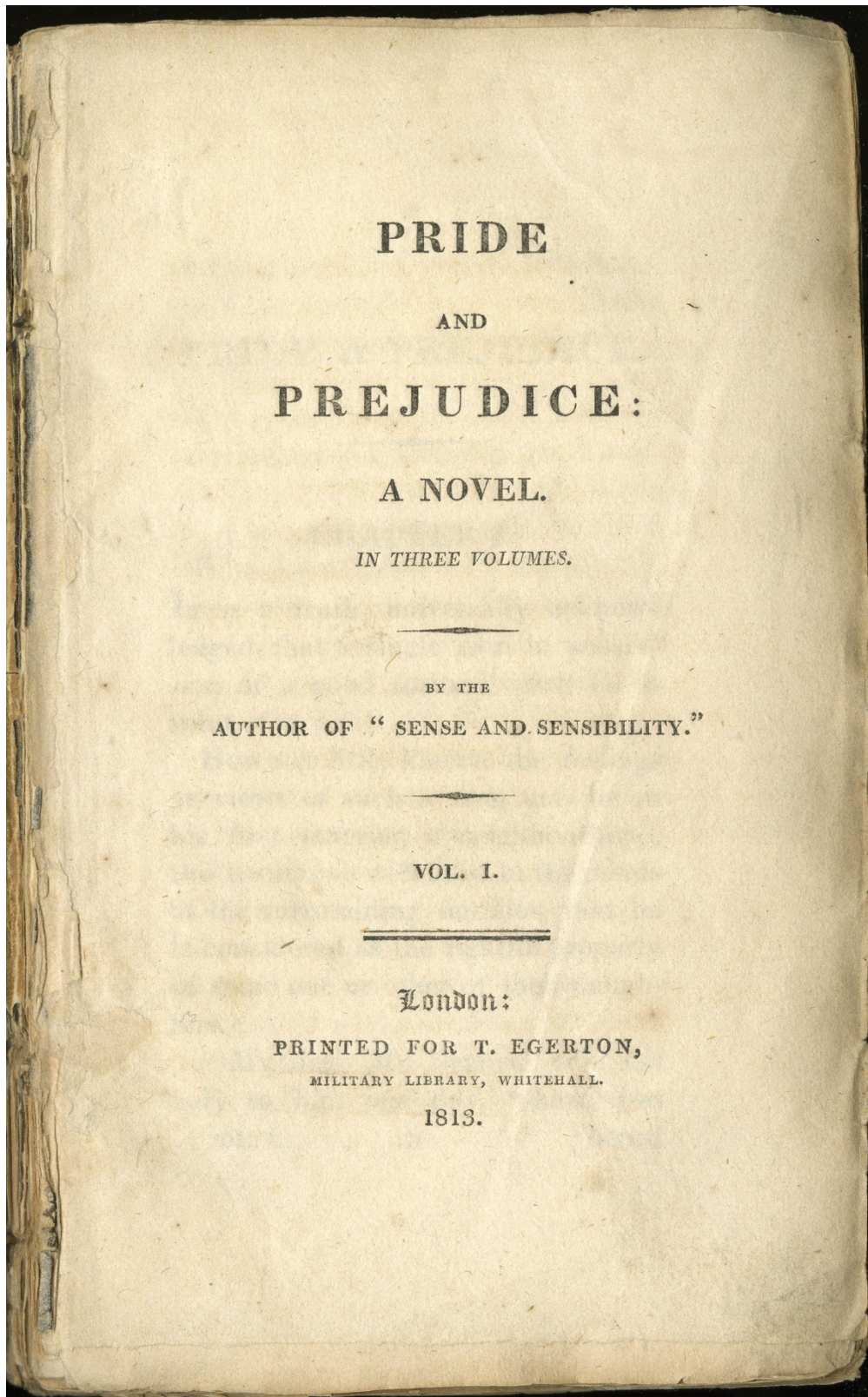


Fonte:

<<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/96/SenseAndSensibilityTitlePage.jpg/250px-SenseAndSensibilityTitlePage.jpg>>. Acesso em: 25 jan. 2014



ANEXO C- Contra-capá da primeira edição de *Orgulho e preconceito*. Publicado em 1813



Fonte:

<<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/1/17/PrideAndPrejudiceTitlePage.jpg/250px-PrideAndPrejudiceTitlePage.jpg>>. Acesso em: 25 jan. 2014



## ANEXO D- Anúncio de internato para moças do século XIX



Fonte: < <http://austenonly.files.wordpress.com/2010/01/goddard1696-correction.jpg> >.

Acesso em: 11 fev. 1014

**ANEXO E-** Casa onde Jane Austen nasceu e cresceu, em Steventon. atualmente aberta à visitação pública

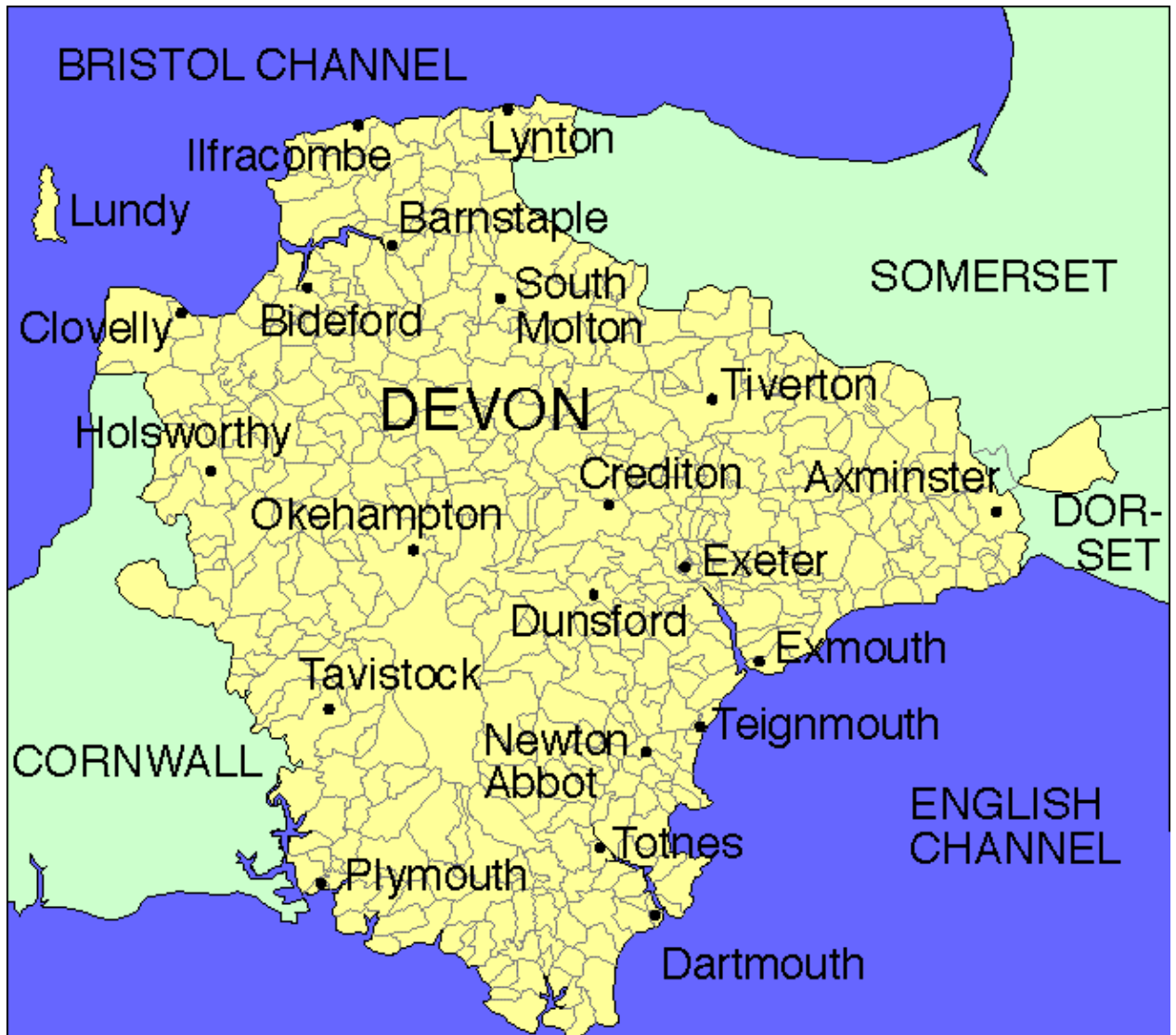


Fonte: < [http://gapersblock.com/bookclub/austen\\_house\\_600.jpg](http://gapersblock.com/bookclub/austen_house_600.jpg)>. Acesso em: 12 fev. 2014





ANEXO G- Mapa da região de Devonshire, onde está localizada Barton Cottage, residência das irmãs Elinor e Marianne Dashwood em *Razão e sensibilidade*



Fonte: <<http://genuki.cs.ncl.ac.uk/DEV/Maps/DevonCounty.GIF>>. Acesso em 16 fev. 2014

**ANEXO H** - Mapa da região de Hertfordshire, onde está localizada Longbourn House, residência da família Bennet em *Orgulho e preconceito*.



Fonte: <<http://images.ownersdirect.co.uk/r1375.jpg>>. Acesso em 16 fev. 2014